



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



LUCAS GOMES SANTANA

“CAIXA DO DIABO”:
REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE
SALVADOR SOBRE A TELEVISÃO (1960 – 2000)

Feira de Santana

2013

LUCAS GOMES SANTANA

**“CAIXA DO DIABO”:
REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE
SALVADOR SOBRE A TELEVISÃO (1960 – 2000)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizete da Silva

Feira de Santana

2013

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Santana, Lucas Gomes

S223c “Caixa do diabo” : representações construídas pela Assembléia de Deus de Salvador sobre a televisão (1960-2000) / Lucas Gomes Santana. – Feira de Santana, 2013.

90 f. : il.

Orientadora: Elizete da Silva.

Dissertação de mestrado sob o título “Caixa do diabo’: representações construídas pela Assembléia de Deus de Salvador sobre a televisão (1960-2000)”, defendida por Lucas Gomes Santana e submetida à aprovação em __ de _____de 2013, em Feira de Santana, Estado daBahia, pela banca examinadora constituída pelos doutores:

Prof.^a Dr.^a Elizete da Silva (orientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Prof.^o Dr.^o Rinaldo César Nascimento Leite
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Prof.^a Dr.^a SueliRibeiro Mota Souza
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

AGRADECIMENTOS

Ao Criador.

Aos meus Pais (José Gilson e Gerivalda Gomes), irmãos (Luciano e Luan) e demais familiares pela compreensão por minhas ausências nas reuniões de família e outros momentos importantes.

Ao meu adorável sobrinho Igor, que nos seus gracejos de bebê fez-me esquecer do cansaço da lida, e que no seu sorriso largo e abraço me deu forças para continuar o caminho. Esse pedacinho de gente cheio de alegria e amor que enche o titio de orgulho.

A Professora Elizete da Silva, pelas suas prestimosas orientações, pelo seu grande exemplo de docente engajada e aqui registre-se meus sinceros agradecimentos a enorme paciência que dispensou em momentos tão conturbados que vivi durante o curso desta pesquisa. Sinto não ter podido oferecer uma dissertação à altura da profissional que me orientou.

Ao professor Rinaldo Leite e a professora Sueli Souza, pelas importantes contribuições desde a banca de qualificação.

Aos docentes e discentes do PGH-UEFS, pelas discussões e contribuições.

A minha irmã, Luciane Silva de Almeida, pelos ouvidos atentos aos percalços da minha vida e pesquisa, e as suas valorosas contribuições neste projeto desde quando era apenas uns rabiscos em cuneiforme.

A toda comunidade assembleiana, em especial aos meus entrevistados. Inclusive os que recusaram ceder os direitos da entrevista.

Ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal e todos os funcionários, em especial o Pr. Israel de Araújo, por me receberem tão bem e me cederam acesso à farta documentação.

A Convenção Estadual das Assembléias de Deus no Estado da Bahia e todos os funcionários, principalmente ao Pr. Marcos e Pr. Arilsom, por disponibilizarem o acervo da casa com tamanha cortesia.

E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes ao de um cordeiro; e falava como dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. E fez grandes sinais, de maneira que até fogo fez descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta.

Apocalipse 13:11-14

RESUMO

A Assembléia de Deus no Brasil resguarda a imagem de Denominação Pentecostal tradicional. Este tradicionalismo é evidenciado nos rígidos padrões de usos e costumes defendidos pelo grupo com o objetivo de doutrinação dos fiéis e no intuito de manter a coesão e também a manutenção de uma imagem de moralidade e distanciamento do pecado, segundo o entendimento dos mesmos. Esses padrões se referem a proibições, principalmente à indumentária, ao corte de cabelo, ao consumo de bebidas alcoólicas e ao uso e propriedade do aparelho de televisão. Este trabalho analisa como os líderes da Assembléia Deus no Brasil e na Bahia constroem representações sobre a televisão, no período de 1960 a 2000, e quais mecanismos de construção de sentidos fez com que a denominação, que tinha uma atitude refratária ao uso e propriedade da televisão, passasse a locatária de horários em redes comerciais de televisão e proprietária de sua própria rede de emissoras, a “Rede Boas Novas”.

Palavras-chave: Igreja Assembléia de Deus, Pentecostalismo, Televisão.

ABSTRACT

The Assemblies of God in Brazil keep the image a traditional Pentecostal Denomination. This traditionalism is evidenced in rigid patterns of practices and customs advocated by the group with the aim of indoctrination of the faithful and in order to maintain cohesion and also maintaining an image of morality and detachment from sin, according to the understanding of the same. These standards relate to prohibitions, especially the clothes, the haircut, the consumption of alcoholic beverages and the use and ownership of television. This dissertation examines how the leaders of the Assembly God in Brazil and the Bahia created representations about television, in the period from 1960 to 2000, and which mechanisms of meaning construction did with that the denomination, which had an attitude refractory to the use and ownership of television, becomes tenant schedules in TV networks and andcompasse his own TV network, "Rede Boas Novas".

Keywords: Assembly of God Church, Pentecostalism, Television.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Imagem do templo da Assembléia de Deus do Boqueirão, à esquerda, no canto superior direito, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão.....	46
Figura 2 - Publicidade telenovela “A Indomável”	49
Figura 3 – Imagem igreja e mídias.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABINEE	Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos
AD	Assembléia de Deus no Brasil
ADESAL	Assembléia de Deus em Salvador
AG	AssembliesofGod
CEADEB	Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia
CEMP	Centro de Estudos do Movimento Pentecostal
CGADB	Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil
CPAD	Casa Publicadora das Assembléias de Deus
EBD	Escola Bíblica Dominical
ELAD	Encontro de Líderes da Assembléia de Deus no Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MP	Mensageiro do Paz
SFM	Svenka Fria Missionem (Missão Sueca Livre)
TV	Televisão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Problemática.....	11
Referencial teórico-metodológico.....	12
Fontes	17
Roteiro da Dissertação.....	20
Capítulo 1: AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL.....	22
1.1 Protestantes e Pentecostais no Brasil.....	22
1.2 Breve relato da História da AD no Brasil	27
1.3 Os “assembleianos” brasileiros, um “ <i>ethos</i> sueco- nordestino”?.....	30
Capítulo 2: A ASSEMBLÉIA DE DEUS NA BAHIA	36
2.1 Breve olhar sobre campo religioso baiano.	36
2.2 (In)tolerância religiosa.....	38
2.3 A “boa nova” pentecostal chega à Bahia.....	41
Capítulo 3: DA “CAIXA DO DIABO” À PROPAGAÇÃO DA FÉ.....	48
3.1 Em nome de Deus, a TV está em questão	48
3.2 Resolução de Santo André, usos e costumes para as Assembléias de Deus no Brasil	64
3.3 Representações construídas sobre a televisão pela CEADEB...69	
3.4 Práticas e apropriações.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
FONTES.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

INTRODUÇÃO

O proselitismo protestante tem justificado, mesmo nas igrejas e denominações mais tradicionais, o uso e aceitação de novos aparatos comunicativos. Dentre estas destaco aqui o papel da televisão e sua receptividade na Assembléia de Deus (AD). Como se desenvolveu os processos de construção da representação sobre a televisão e como se deram as apropriações e práticas decorrentes destas construções na Assembléia de Deus em Salvador (ADESAL) são as questões centrais deste trabalho.

Analisando as Reformas do século XVI veremos que os protestantismos¹ têm uma íntima relação com a introdução de técnicas de comunicação escrita, transformando uma religiosidade hegemonicamente oral da Igreja Católica Romana em uma religiosidade na qual a cultura escrita tem extrema importância.

O advento da imprensa explica, em grande parte, o sucesso da Reforma protestante. Seria impensável o sucesso protestante sem a imprensa. [...] O apego dos protestantes à Bíblia, aos seus livros de confissão de fé e aos catecismos fez desse ramo do Cristianismo a ‘religião do livro’².

No longo caminho percorrido pelos protestantismos, desde o continente europeu até o Brasil, as relações com os meios e aparelhos de comunicação transformaram-se, em muito, no bojo dos processos de mudança das tecnologias da comunicação. Nota-se uma tendência de mais fácil aceitação destas novas tecnologias pelos protestantes, se comparados aos católicos, pois estavam imbricados no chamado imperativo do proselitismo, “E disse-lhes: Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura”³. O que não significa dizer que o catolicismo prescindisse de todo da tarefa evangelizadora, apenas que o protestantismo em sua posição não hegemônica hasteava-o comprimazia.

Seguindo essa tendência, em busca de aumentar a eficácia de suas atividades evangelísticas, os grupos pentecostais merecem papel de destaque no que diz respeito ao uso de tecnologias da comunicação. Dentre estes, enfatizo aqui as Assembléias de Deus no Brasil, uma das precursoras do pentecostalismo no campo religioso brasileiro. Mas, não por sua

¹ Utilizo o termo no plural no intuito de destacar as diferentes correntes de pensamentos defendidas sobre o mesmo fenômeno ou poderíamos rotular os ideais de Lutero, com os de Calvino e Tomas Müntzer.

² CAMPOS, L. S. **Evangélicos e Mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos**. REVER, Revista de Estudos da Religião, set./2008, p.7.

³ BÍBLIA, Livro de Marcos. **Bíblia Sagrada**: edição corrigida e revisada. Trad. de: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1999. Marcos 16, vers. 15.

aceitação, e sim por sua controversa relação: em que a princípio houve uma postura de proibição e depois sua utilização foi institucionalizada.

Problemática

A Assembléia de Deus no Brasil resguarda a imagem de Denominação Protestante tradicional. Este tradicionalismo é evidenciado nos rígidos padrões de usos e costumes defendidos pelo grupo com o objetivo de doutrinação dos fiéis e no intuito de manter a coesão e também a manutenção de uma imagem de moralidade e distanciamento do pecado, segundo o entendimento dos mesmos.⁴ Esses padrões se referiam a proibições, principalmente à indumentária, ao corte de cabelo, ao consumo de bebidas alcoólicas e ao uso e propriedade do aparelho de televisão.

Essas normas de conduta eram amplamente difundidas através de sermões de exortação proferidos pelos líderes. E no intuito de se certificar de que os mesmos estavam sendo cumpridos, pastores, presbíteros, diáconos, evangelistas e fiéis observavam o comportamento entre si. Uma vez identificado algum desvio de comportamento, o pastor dispunha de dispositivos doutrinários para disciplinar o membro desviante, como a formação de comissões para visitar fiéis suspeitos, suspensão, afastamento da comunhão com os demais membros do grupo e até a exclusão do rol de membros⁵.

Entre conformações e conflitos, a edificação deste padrão de costumes chegou a status de resolução com a Convenção Geral de 1975, sediada na cidade paulistana de Santo André, que se ocupou de oficializar normas de usos e costumes a serem adotadas pelos fiéis assembleianos. O documento final produzido ficou conhecido como Resolução de Santo André.

A Resolução, assim como as doutrinas relativas aos usos e costumes dos fiéis assembleianos, faz parte da constituição de um sentimento de pertencimento coletivo, como na construção das representações sobre a televisão. De que forma estas foram construídas pela Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB)? Em quais fundamentos se apoiam? O que impulsiona as mudanças nas configurações destas representações entre os assembleianos, a ponto de passar de proibidora da posse, propriedade e do uso do aparelho de

⁴ SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu Reino não é deste mundo”**: a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. p. 52.

⁵ Ibid., p. 50.

TV a locatária de horários nas redes comerciais de televisão e proprietária de sua própria rede de emissoras?

Foi identificada a existência de cânticos presentes na liturgia das reuniões com a intenção de associar a televisão ao demônio. Como representações tão fortes foram debeladas no seio da membresia? E qual a relação destas com a disputa pelo campo religioso e pela hegemonia dos bens de salvação? Qual o alcance destas na vida prática dos fiéis assembleianos em Salvador? Como se davam as apropriações destas construções no campo soteropolitano? São alguns questionamentos deste trabalho.

Referencial teórico-metodológico

Assumindo o risco de ser *démodé*, já que para estar atual na historiografia é necessário renegar ao ostracismo o debate teórico metodológico, como bem denunciou o Professor Coelho, para quem “o debate epistemológico e teórico-metodológico encontra-se fora de moda entre os historiadores”⁶, optei por refletir sobre estas questões. E para tal proponho a utilização da teoria dos campos cunhada pelo francês Pierre Bourdieu em combinação com a linha conceitual da História Cultural e da História das Religiões.

A constituição das Ciências Sociais nas últimas décadas transita em torno de um ponto neural, a relação indivíduo/sociedade. As tensões polarizam-se em torno de duas vertentes: - o estruturalismo que, grosso modo, entende que é a partir das estruturas que os significados são produzidos em determinada cultura, ou seja, as ações dos indivíduos são, em parte, consequências da estrutura social; - a fenomenologia, que enfoca as ações individuais enquanto linhas que dão tessitura ao social⁷.

Para Chartier, a História respondeu de forma coerente a suposta crise das Ciências Sociais, captando frentes abertas por ciências vizinhas, analisando novos objetos e indicando novos métodos. Propõe como forma de superar a dualidade estruturalismo/fenomenologia

⁶COELHO, E. Para a crítica de certa razão histórica: sobre o método e os historiadores. **História & Luta de Classes**, n. 9, p. 7-16, 2010.p. 7.

⁷ Ver: SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008. Que traça de maneira mais geral a crise do paradigma dominante nas ciências e aponta para emergência de um novo paradigma onde a ciência pós-moderna resgata o lugar do senso comum. Em ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006. O autor localiza estas tensões no contexto da historiografia demarcando cronologicamente seu início nos anos 70 na América. Para o mesmo, a chamada crise das Ciências Sociais, atingiu a historiografia que havia experimentado três décadas de pleno esplendor.

uma História Cultural do Social, cujo valoroso tripé conceitual – representações, práticas e apropriações – foi utilizado para elaboração desta dissertação⁸.

Representações pensada como percepções do real produzidas “contraditoriamente pelos diferentes grupos”⁹ segundo seus interesses com o intuito de legitimação. Este conceito é valioso, principalmente para “o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”¹⁰. Esta é a base teórica principal na qual se edifica este trabalho, cujo cerne foi avaliar os processos pelos quais o grupo de sacerdotes e líderes das Assembléias de Deus no Brasil e em Salvador construíram um sentido para o uso da televisão no período de 1960 a 2000.

as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instancias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.¹¹

A apropriação, aqui entendida como “atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido”,¹² será utilizada em diálogo constante com o entendimento de representações, para compreender de que maneira os fiéis assembleianos soteropolitanos construíram o sentido sobre o uso da televisão e, além disso, quais práticas foram adotadas pelos fiéis sob a influência dessas representações.

A sistematização teórica proposta por Bourdieu concorreu a busca por um caminho de intercessão entre os polos de antinomia apresentados acima (estruturalismo e fenomenologia)¹³. Para Löic Wacquant dois conceitos na obra do sociólogo, campo e *habitus*, são valiosos na tarefa de “livrar-se do falso problema da espontaneidade pessoal e da pressão social, [...], em suma, da falsa oposição entre o determinismo social e o individualismo metodológico”.¹⁴

Na perspectiva dos campos a sociedade é interpretada como um conjunto de ambientes detentores de certa independência e de uma lógica própria. Cada ambiente, com sua relativa

⁸ CHARTIER, R. **À Beira da Falésia**: a História entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. e _____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

⁹Ibid., p. 23.

¹⁰Ibid., p. 27.

¹¹Ibid., p. 23.

¹² Ibid., p. 26.

¹³ BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989. p. 61.

¹⁴ WACQUANT, L. apud. LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 70.

autonomia, interfere no outro segundo relações específicas. Estes espaços são os campos, cada qual – político, religioso, intelectual, artístico, etc. – tem seus sistemas de valores próprios, com crenças e práticas e suas disputas; no entanto, a ação em um campo pode influenciar o outro.

As transferências metódicas de modelos baseados na hipótese de que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos, ao invés de funcionarem como simples metáforas orientadas por intenções retóricas de persuasão, têm uma eficácia heurística eminente, isto é, a que toda tradição epistemológica reconhece à analogia.¹⁵

Alargando o conceitual marxista, Bourdieu afirma que existe uma forma de Economia onde o capital simbólico é a base das trocas e relações. Segundo as ideias marxistas, no capitalismo a classe que tem posse do capital econômico, ou seja, dos bens de produção, tem poder sobre a classe despossuída destes. O autor sugere que as desigualdades sociais existem não só do acesso a riqueza material, mas também ao capital simbólico, que seria o grupo de signos e símbolos capazes de localizar os agentes no campo, inclusive no religioso.¹⁶

Dentro do campo os agentes se inter-relacionam pela disputa do capital simbólico, os dominantes impõem aos dominados seus signos e hierarquia enquanto algo natural e legítimo. Essa imposição, um tanto consentida, é chamada de violência simbólica¹⁷.

Neste sentido é que é entendido o papel da religião, que cumpre a “função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário”.¹⁸No entanto, seu papel não é só de legitimação, mas também de protesto e até de um caráter revolucionário¹⁹. Um exemplo de intelectual que observou essa manifestação é Engels, ao tratar das Guerras Camponesas,

Engels, permanente e irreconciliável adversário da religião, não deixa de reconhecer, como o jovem Marx, a paradoxal dualidade do fenômeno: seu papel na sacralização da ordem estabelecida, mas também, conforme o caso, seu papel crítico, contestatório e até revolucionário. De resto, é exatamente

¹⁵BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989 p. 66, 67.

¹⁶ LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 66.

¹⁷ BOURDIEU, P. op cit.

¹⁸ Id., 2009. p. 46.

¹⁹ Maior aprofundamento sobre o caráter contestatório da religião em:

HOUTAR, F. As funções de integração e protesto da religião nos modos de produção pré-capitalistas. In: _____, **Religião e modos de produção pré-capitalistas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. [4]p.; LOWY, M. Marx e Engels como sociólogos da religião. In: **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Lua Nova, 1998, no.43, p.157-170; SILVA, Elizete da. da. Engels e a abordagem científica da religião. In: MOURA, M. C. B.; FERREIRA, M. & MORENO, R. (orgs). **Friederich Engels e a ciência contemporânea**. Salvador: Edufba, 2007; ENGELS, F. A Guerra dos Camponeses. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre a Religião**. Lisboa: Ed. 70, 1976. p. 116-7.

este segundo aspecto que mais o interessa e em que se concentra a maior parte de seus estudos concretos, do cristianismo original ao puritanismo revolucionário inglês do século XVII, passando pelas heresias medievais e a guerra dos camponeses alemães do século XVI²⁰.

As disputas dentro do campo para manter a supremacia sobre o capital simbólico, tem como resultado inculcar nos dominados o *habitus*, ou seja, uma série de “conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado.”²¹ O dominado é pertencente a um espaço social definido, e as relações neste espaço também estão inseridos nele, norteando inconscientemente suas práticas e seu modo de pensar. Ratificando o caminho de interseção, no *habitus* a ação do sujeito não é, nem efeito de determinações externas, tampouco o é ação conscientemente livre e independente.

ohabitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural –, mas sim o de um agente em ação: tratava-se de chamar atenção para o 'primado da razão prática' de que falava Fichte, retomando ao idealismo, como Marx sugeria nas *Teses sobre Feuerbach*, o 'lado activo' do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo com a teoria do 'reflexo', tinha abandonado.²²

Nesta dissertação está sendo utilizada a classificação sociológica das instituições religiosas cristãs usada por Silva, criada por Ynger,

a) Igreja Universal entendida como uma estrutura religiosa que pretende satisfazer, ao mesmo tempo, as demandas de fiéis colocados em diferentes posições de classe. (...); b) Igreja, grupo religioso aliado ao Estado e às classes dominantes, sendo seus membros nascidos na própria comunidade. Ela busca exercer um controle sobre cada pessoa na população. (...); c) Igreja de Classe, ou Denominação, grupo religioso que, ao contrário da seita, não critica a ordem social e que é limitado pelas fronteiras de classe, raças ou regiões, estando, normalmente, em harmonia com a estrutura de poder secular, garantindo sua respeitabilidade; d) Seita estabelecida, pequeno grupo religioso inicialmente instável e que, apenas após a morte da primeira geração de participantes, transforma-se num sistema de estrutura mais formal, com pré-requisitos para a admissão de novos membros e a preservação de seus interesses comuns (...); e) Seita, grupo religioso que contrasta com a igreja pela voluntariedade de seus membros, caracterizando-se conforme as necessidades e aspirações de seus participantes, a partir da aceitação, agressão e isolamento diante da sociedade; f) Culto, indica um

²⁰LOWY, M. Marx e Engels como sociólogos da religião. In: **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Lua Nova, 1998, no.43, p.157-170. p.162.

²¹LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 68.

²²BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989. p. 61.

grupo reduzido à procura de experiências místicas, caracterizando-se pela ausência de organização e estrutura ou a presença de um líder carismático.²³

Portanto, nestes termos a AD foi conceituada como denominação. No entanto, entre os líderes, membros e fiéis do grupo é comum se auto referirem como igreja, nas citações e referências a falas e textos produzidos pelos mesmos o termo igreja está mantido com esta semântica. Do mesmo modo o termo, culto, é comumente utilizado para se referirem às reuniões da comunidade, equivalente às missas católicas.

O recorte temporal demarcado, entre 1960 e 2000, pretende abranger – no contexto da História da AD – o período onde a Denominação já estava consolidada como a maior comunidade religiosa pentecostal e uma das maiores entre os protestantes no País. Inclui também, um período ímpar para a televisão no Brasil, que se tornou o maior veículo de comunicação de massas, abarcando a maior fatia dos investimentos em publicidade e propaganda e galgando, tal importância, *status* enquanto veículo formador de opinião, sendo considerado um quarto poder²⁴.

Em suma, o cabedal conceitual apresentado ajudou a nortear as pesquisas sobre o campo religioso soteropolitano, na procura de tentar compreender de que forma os pastores da AD construíram representações sobre a televisão, e quais esquemas são criados para legitimar e naturalizar essas representações, e como estas se inseriram na disputa pela hegemonia do campo religioso e dos bens de salvação. Como os fiéis da ADESAL se apropriaram destes signos e como os profetas contestaram a estruturação e monopólio dos bens de salvação, entre os anos de 1960 a 2000.

Profeta, no sentido weberiano revisitado por Bourdieu, enquanto protagonista religioso diferenciado do sacerdote em sua posição institucionalizada, e com discurso baseado no carisma.

A ação carismática do profeta exerce-se fundamentalmente por força da palavra profética, extraordinária e descontínua, ao passo que a ação do sacerdócio exerce-se por força de um ‘método religioso de tipo racional’ que deve suas características mais importantes ao fato de que se exerce contínua e cotidianamente.²⁵

²³ YNGER, J. Milton. *Religion, Societé, Personne*. Paris: Edition Universitaires, 1964. apud. SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. 405 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 20.

²⁴ GUARESCHI, P. A. *Mídia e Democracia: o quarto versus o quinto poder*. In: **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, jul.-dez, 2007, v.1, n.1, p. 6-25.

²⁵ BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 89.

Fontes

Fontes impressas

A Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB) dispõe de editora própria, a Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), formalmente fundada em 1940, com o intuito de se adequar à legislação do Estado Novo. A bem da verdade, a CPAD assumiu os já existentes trabalhos de edição do jornal Mensageiro da Paz (MP), em circulação desde 1930. Constam no corpus desta pesquisa edições do jornal Mensageiro da Paz, editado pela CPAD no período de 1960 a 2000. O MP foi criado com a intenção de ser veículo de evangelismo, com o tempo passou a ter outras funções como a comunicação oficial das decisões da CGADB, sendo conhecido como o órgão das Assembléias de Deus.

No acervo de fontes disponíveis a esta pesquisa, também se encontram alguns livros editados pela CPAD, de cunho confessional:

CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. – Livro confessional editado pela CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus), editora do grupo, neste material tem uma versão oficial da fundação das Assembléias de Deus em vários estados pelo Brasil, inclusive um capítulo que trata especificamente a fundação na Bahia. Para este capítulo pretendo utilizá-lo para análise da versão oficial apresentada.

BERG, David. **Enviado por Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. Livro de autoria do missionário sueco co-fundador da Denominação AD, este material é importante por conter uma versão oficial da fundação das Assembléias de Deus no Brasil, além do estudo da fundação apresentada é importante para entender a construção do sentimento de pertencimento coletivo.

DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. Nesta obra, o autor oferece resoluções e parte do conteúdo dos livros de Atas da CGADB. Algumas resoluções convencionais foram selecionadas: a Resolução Convencional de 1968 sobre a televisão publicada no MP de Janeiro de 1969; a Resolução de Santo André. Transcrição integral. In: ARAUJO, I. **100 Acontecimentos que marcaram a História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 449,50. e DANIEL, S. op. Cit. p. 438-9; também a Resolução da Comissão 5º Encontro de Líderes das Assembléias de Deus (ELAD), publicada na revista Obreiro nº11 de junho de 2000.

ARAUJO, Israel. **100 mulheres que fizeram a História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

_____. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. **100 acontecimentos que marcaram a História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

Também consta no corpus da pesquisa a publicação independente. **Televisão: é benção ou maldição**. Salvador: Gráfica Lucas. O livreto de autoria do presbítero da Assembléia de Deus em Salvador (ADESAL), Ubiratan Oliveira, é uma obra de cunho pedagógico e confessional que pretende instruir os fiéis quanto ao modo se relacionar com a televisão. Este material nos ajuda a entender os discursos criados para convencer a membresia a aceitar, ou não, a posição antitelevisão.

Grande acervo de periódicos pôde ser encontrado no Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP), setor da CPAD localizado em seu prédio sede na capital fluminense, atualmente chefiado pelo autor e Pastor Isael de Araújo. No acervo do CEMP estão vários exemplares do jornal MP, o principal difusor dos ideais do grupo e o “órgão oficial da Assembléia de Deus” no Brasil. Também sob sua tutela, foi possível consultar cartas de leitores que foram enviadas a redação do jornal, assim como exemplares das revistas: “*Obreiro*”, voltada para o segmento pastoral e “*Jovem Cristão*”, de público alvo juvenil. O material foi selecionado e fac-símilizado através de escaneamento portátil ou fotografia digital, totalizando mais de 3 600 arquivos digitais.

Fontes manuscritas

Os livros de atas das sessões da Convenção Estadual das Assembléias de Deus do Estado da Bahia são importantes na intenção de trabalhar a construção da representação antitelevisão na Bahia e compará-la com as informações obtidas sobre a CGADB. As atas, assim como seus Estatutos, têm importantes contribuições para elucidar desde a organização eclesiástica e administrativa da Denominação, para identificar os grupos e as dissensões, assim como as sanções aos membros que não cumprissem com os usos e costumes determinados. Estas fontes foram selecionadas e fac-símilizadas através de escaneamento portátil ou fotografia digital, totalizando mais de 1 400 arquivos digitais.

Fontes orais

Entrevistas com elementos da membresia e presbíteros foram realizadas com o intuito de perceber quais práticas e apropriações foram decorrentes desta representação. Cabe

salientar, também, que a metodologia da História Oral foi utilizada, com a realização de entrevistas prévias²⁶, sendo um momento anterior à gravação em áudio, e consequente entrevista propriamente dita, onde o pesquisador tratou de averiguar as possibilidades/pistas de uma eventual entrevista. Uma vez identificados e selecionados, os entrevistados mais promissores, foram realizadas as entrevistas e arquivadas em meios digitais.

Natural na coleta da oralidade foi recorrente acontecer de fiéis que na conversa prévia, e informal, ou enquanto o gravador de áudio desligado expunha informações valiosas à pesquisa, mas ao ligar o aparelho não se “lembravam” das afirmações. Outros após o término da gravação negaram ceder os direitos da entrevista já registrada. Alguns por considerar-se exposto demais e temer represálias, outro por se julgar cometendo um pecado, ao tratar de assunto, que entediam como vergonhoso ao ministério. Com estas atitudes foi inutilizado 10 entrevistas e possíveis entrevistas. Temiam aos homens e também a Deus. E ainda que tenha tentado persuadi-los, garantindo o sigilo de sua identidade, ou que tenha explicado que a pesquisa não tinha fins teológicos, resistiram.

Foram entrevistados a Senhora Maria e o Senhor João, ambos codinomes que utilizei para identificá-los com o intuito de preservar a integridade de ambos. Maria, baiana, casada, 50 anos, oriunda de família assembleiana, batizada na AD em 1978, foi dirigente de círculo de oração na ADESAL. João, baiano, casado, 57 anos, oriundo de família assembleiana, batizado na AD 1976, foi presbítero na ADESAL. Estes foram os únicos abordados que aceitaram a gravação da entrevista e cederam os direitos de utilização.

Fontes audiovisuais

Também foram consultados testemunhos, cânticos e reuniões registrados em mídias eletrônicas. No CD “Memória das Assembléias de Deus: entrevista com missionário Daniel Berg”, está registrada uma entrevista que o pioneiro Daniel Berg concedeu a uma rádio de Santa Catarina, em 1958. Nesta responde questões relativas ao início da AD.

A rede mundial de computadores “*world wide web*” facilitou o acesso a cânticos, cliques, testemunhos e pregações. Tendo o cuidado de identificar os dados relativos a produção, como: data, autoria e região de projeção, nem sempre disponíveis e confiáveis.

²⁶ A professora Gandon, refere-se à entrevista prévia como possibilidade de contato anterior ao projeto de pesquisa, e no contexto do etnotexto, o que não é o caso em específico. GANDON, T.R.D.A.. In: **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 14, n. 23, jan./jun., 2005. p. 227-233

Ainda assim, foi de grande valia para a pesquisa, a medida que contribuíram para a compreensão de como se davam as apropriações e práticas dos fiéis assembleianos.

Roteiro da dissertação

Na introdução foi feita uma síntese da relação entre o Cristianismo e as tecnologias da comunicação, assim como o protestantismo e o pentecostalismo, em especial a Assembléia de Deus brasileira. A intenção é apresentar como se chegou até a questão objeto desta pesquisa e a problemática propriamente dita. Ainda um demonstrativo do referencial teórico metodológico e das fontes.

CAPÍTULO 1: AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

Pretendeu-se neste capítulo oferecer um resumo da história do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil. Cabe nesta parte, explicar o que distingue cada grupo e localizar os pentecostais no campo religioso brasileiro. Buscou-se também, fazer uma introdução à história das Assembléias de Deus no Brasil e tratar das histórias oficiais da fundação do grupo: da chegada dos missionários, os relatos dos líderes, e a geografia traçada pelo grupo no País, assim como toda informação encontrada sobre o tema na bibliografia estudada. Por fim, dissertar sobre o modo de pertencimento coletivo do “assembleiano”. Como estes se identificavam e por consequente identificavam os “outros”. Partindo da afirmação de FRESTON²⁷, de que a Assembléia de Deus no Brasil tem um *ethos* sueco-nordestino, buscou-se dialogar com este paradigma e compreender seus limites. Também deve ser possível conhecer, nesta parte, a organização e administração dos templos e o organograma eclesiástico.

CAPÍTULO 2: A ASSEMBLÉIA DE DEUS NA BAHIA

Neste capítulo encontra-se notícias sobre o início do protestantismo na Bahia e a situação do campo religioso soteropolitano: sua formação; características gerais; e situação nos séculos XIX e início do XX, quando ocorreu a chegada dos assembleianos. Situar o leitor

²⁷FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.p. 76.

onde a Assembléia de Deus se inseriu, assim como apresentar a situação do grupo, no que diz respeito à sua organização eclesiástica e administrativa, as disputas pela hegemonia no campo religioso, bem como as ações proselitistas, importante para compreender a posição em que os assembleianos se inseriram e quais oposições enfrentaram.

CAPÍTULO 3: DA “CAIXA DO DIABO” À PROPAGAÇÃO DA FÉ

Neste capítulo relatou-se a introdução da questão do uso/desuso da televisão nos documentos produzidos pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Em que contexto a questão foi suscitada e qual a tônica dos discursos.

Uma análise da Resolução de Santo André, o contexto de sua produção, como foi a Convenção que a forjou e as implicações desta, principalmente na construção de representações para o grupo, quais as discussões foram suscitadas à plenária e a oposição proposta.

Demonstrou-se, também, de que forma os líderes baianos lidaram com a questão da propriedade do uso e desuso da TV, concomitante a chegada de emissoras baianas e sua programação regional e como os fiéis assembleianos, principalmente de Salvador, se apropriaram dessas representações e quais foram as práticas destas decorrentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um olhar mais geral sobre as questões suscitadas no decorrer da pesquisa e as inferências alcançadas.

CAPÍTULO 1: AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

Protestantes e pentecostais no Brasil.

O território brasileiro, no século XVI, ainda sob domínio português, foi alvo da projeção da Reforma Protestante. “Onde está, afinal, o testamento no qual o Pai Adão legara o mundo às Coroas portuguesa e espanhola?” Questionamento largamente atribuído a Francisco I, rei de França, que desafiava o Tratado de Tordesilhas que à época das expedições marítimas europeias testava o mundo, conhecido e desconhecido, aos reinos de Portugal e Espanha, cujos reis mantinham fidelidade à Igreja Católica Romana.

Digo mantinham, pois a Europa em questão estava sacudida pelos episódios da Reforma Protestante. Refiro-me as séries de eventos que colocaram em xeque a hegemonia da Igreja Católica Apostólica Romana e iniciaram o surgimento dos grupos protestantes. É neste contexto, onde política e religião se estabelecem em delidas fronteiras, que o rei Francisco I enfrentando os desígnios de Roma²⁸ instituiu a política de *mare liberum*, que propiciou a incursão de navios franceses pelo litoral brasileiro que com objetivos comerciais fundaram entrepostos para o escambo de pau-brasil, os quais posteriormente facilitariam a implementação da empresa da França Antártica, já sob-reinado de Francisco II.

Daí remonta os primeiros registros da presença de protestantes em terras brasileiras, os huguenotes, e a tentativa de instaurar a colônia conhecida como França Antártica. A incipiente experiência francesa aconteceu em fins de 1555, quando o cavaleiro da Ordem de Malta Nicolas Durand de Villegagnon aportou com sua comitiva à baía de Guanabara e estabeleceu habitações na ilha que depois receberia seu nome. Em 1557, a recente povoação recebia nova expedição com muitos protestantes (huguenotes) que fugiam da perseguição que os vitimavam na Europa²⁹.

Pouco tempo durou para que tropas portuguesas chefiadas por Mem de Sá debelassem o grupo. Nesta ocasião o governador-geral contou com o auxílio dos nativos de Jean de Cointat também conhecido por Jean de Boulés, personagem que saiu da França Antártica após uma discussão mal resolvida sobre a eucaristia – se o pão poderia ou não ser fermentado –,

²⁸ Não ignoro o fato de Francisco I ter sido um rei católico, inclusive casado com a sobrinha do papa, como também da França à época estar sob as disputas entre católicos e os huguenotes. O que talvez pese sobre esta decisão são os interesses do monarca em defender a acumulação do reino e conseqüentemente da burguesia huguenote em França. Sobre esta discussão, pela efusão de ideias, vale a leitura: VIRAÇÃO, F.J.S. Os enviados de Calvino: um projeto colonial francês e protestante para o Brasil. **Mneme: revista de humanidade**, v. 9, n. 24, set/out, 2008. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais. Acesso em: 01 junho 2012.

²⁹ BICALHO, M.F.B. **A França Antártica, o curso, a conquista e a “peçonha luterana”**. História, v.27, n.1, p. 29-50, 2008.

passando a viver no continente com os tamoios³⁰ e depois se juntado aos portugueses quando estes travaram batalha na Vila de São Vicente. Documentos de Inquisição dão conta de que algumas ideias protestantes persistiram em solo brasileiro com esta personalidade controversa. Como demonstra o relato de Maria Marques sobre a influência de Jean de Boulés sobre seu marido, Guilherme Porta, habitantes de São Vicente.

E depois de Bolés ter chegado a São Vicente e conhecido seu marido, este ficou muito perturbado e muito apartado da verdadeira religião. Começou a dizer que as bulas do Papa eram falsas, que eram uma artimanha da Igreja para tirar dinheiro dos pobres; que não se devia adorar as imagens dos santos; que não valia à pena ir às missas aos domingos, pois elas só serviam para dar dinheiro aos padres; que a hóstia consagrada era apenas um pedaço de pão, e não o corpo de Cristo; que o vinho não se transformava em sangue de Cristo; que tudo isso era invenção dos padres; que era melhor confessar-se ao pé de uma moita do que no ouvido de um clérigo. Dizia ainda que o Papanão devia ser respeitado; que não existia Purgatório, nem as almas saíam dele por mais missas que fossem rezadas; que os concílios e as escrituras eram todos falsos; que o casamento era superior ao celibato; que os padres deviam se casar; que não se devia jejuar nem guardar os dias santos, e assim por diante.³¹

No entanto, só podemos falar de uma presença sistemática do protestantismo no Brasil depois 1808.³² Por ocasião do bloqueio continental francês imposto aos países do continente europeu, que os impediram de exercer comércio com os ingleses, Portugal que figurava na geopolítica mundial à época como importante aliado do Reino da Inglaterra, e devido a incursão bélica da França pelos seus domínios metropolitanos, viu-se obrigada a mudar a sede do Império Português para a já consolidada colônia brasileira.

Essa transferência que elevou politicamente a Colônia a sede administrativa do Império Ultramarino Português trouxe consigo outras sérias prerrogativas que já se anunciavam com os acordos firmados entre Portugal e Inglaterra (Tratado de Aliança e Amizade e Tratado de Comércio e Navegação). A abertura dos portos brasileiros aos navios mercantes ingleses e a

³⁰ A confederação dos tamoios reuniu, ainda no séc. XVI, algumas etnias tupi – tupinambás, aimorés, guaianás e goitacás – com o intuito de resistir à dominação portuguesa na região da Baía de Guanabara. Estabeleceram cooperação com os franceses da França Antártica, a que chamavam de mãres, para combater os lusitanos, a quem chamavam de perós. PERRONE-MOISES, Beatriz; SZTUTMAN, Renato. **Notícias de uma certa confederação Tamoio**. Mana, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, Oct. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132010000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132010000200007>.

³¹ “Processo de João de Bolés e justificação requerida pelo mesmo”. In: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXV. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1904, p. 219-220. apud. BICALHO, M.F.B. **A França Antártica, o curso, a conquista e a “peçonha luterana”**. História, v.27, n.1, p. 29-50, 2008. p. 45.

³² SILVA, Elizete da. Anglicanismo no Brasil: a igreja dos ingleses. In: _____; SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V.; SILVA, E. (orgs.) **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011. p. 25.

privilegiada posição da coroa britânica no fornecimento de produtos fabris aos domínios portugueses de além-mar favoreceram transferência de anglicanos para o Brasil.

O culto protestante era proibido em terras brasileiras pelas leis sujeitas ao Padroado Régio – tratado onde a Igreja Católica concedia aos monarcas dos reinos ibéricos o poder administrativo da Igreja em seus domínios, e a estabelecia enquanto Igreja Oficial dos reinos de Portugal e Espanha. No entanto, a diplomacia inglesa tratou de defender os interesses dos súditos da coroa, exigindo que os anglicanos no Brasil tivessem direito à assistência religiosa. Desta forma foi implantada a Igreja Anglicana no Brasil, proibida de fazer proselitismo e de sequer ostentar em seus templos qualquer alusão a um espaço religioso, como cruzeiros.³³ Semelhante situação conheceu os luteranos, que assim como os anglicanos imigraram à Colônia.

Os anglicanos adentraram o País como comerciantes, nas grandes cidades, e os luteranos, como pequenos colonos, no interior da região Sul. Fundaram suas igrejas para propiciarem assistência espiritual aos fiéis de origem inglesa e alemã, respectivamente. Esses dois grupos são considerados, por excelência, protestantismo de imigração.³⁴

A presença dos templos e cultos anglicanos e luteranos não constitui essencialmente uma igreja brasileira. Esta ocorreu por ocasião da chegada do protestantismo de missão, que engloba os presbiterianos, os congregacionais, batistas e metodistas. Segundo Léonard a primeira igreja protestante brasileira foi fundada quando o médico escocês Dr. Kalley batizou o primeiro brasileiro.

Kalley [...] batizou no Rio, em 11 de julho de 1858 o primeiro brasileiro que pertenceu, nos tempos modernos, a uma igreja protestante, Pedro Nolasco de Andrade. Esse dia é considerado a data da fundação da Igreja Evangélica, chamada mais tarde Fluminense, primeira comunidade protestante do Brasil, que possuía então quatorze membros.³⁵

³³ Sobre a presença anglicana no Brasil e particularmente na Bahia ver: SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. 1998. 405 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

³⁴ *Ibid.*, p.24.

³⁵ LÉONARD, É. G. **O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1981. p. 50-1.

Cerca de meio século depois do primeiro batismo protestante de um brasileiro, o Pentecostalismo chegou ao Brasil, em 1910, quando o italiano naturalizado norte-americano Louis Francesconi iniciou em São Paulo a Congregação Cristã³⁶.

As principais distinções entre os grupos protestantes presentes no Brasil são classificadas desta forma:

- os protestantismos de imigração – caracterizado por igrejas fundadas com o intuito de dar assistência espiritual a imigrantes que aqui chegaram, a exemplo dos luteranos e anglicanos;
- os demissão – as comunidades eram fundadas por missionários apoiados por Igrejas, Sociedades Bíblicas e Missões estrangeiras, a exemplo da Igreja Presbiteriana, fundada em 1859 no Rio de Janeiro a partir do missionário estadunidense Ashbeel Green Simonton e a Igreja Batista de 1882, fundada em Salvador do labor dos missionários William Bagby e Zacharias Taylor;
- o pentecostalismo – que se originaram nos E.U.A. chegou oficialmente ao Brasil em 1910 com a fundação da Congregação Cristã do Brasil;
- e os pós-pentecostalismos ou neopentecostalismos – grupo relativamente novo, surge a partir da década de 1970, oriundo de dissensões em denominações pentecostais, tem como principal diferença a utilização da Teologia da Prosperidade.

“A Teologia da prosperidade surgiu nos Estados Unidos na década de 1940, tornou-se doutrina na década de 1970 entre os grupos evangélicos carismáticos e depois se expandiu para outras correntes cristãs. A confissão positiva, como era chamada, reunia crenças de cura, prosperidade e poder da fé. [...] tanto na sua origem nos Estados Unidos quanto no Brasil tiveram a sua mensagem religiosa massificada pelos meios de comunicação com o uso do televangelismo. A mensagem de sucesso e bem-aventurança da ‘saúde perfeita, ou cura das enfermidades, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo, uma vida plena de vitória e felicidade, ‘direitos’ do cristão anunciados na Bíblia, figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles.’ A Teologia da Prosperidade chegou ao Brasil nas décadas de 1970 e penetrou em muitas igrejas a exemplo da Internacional da Graça de Deus, Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Nacional do Senhor Jesus Cristo, Ministério Internacional da Restauração, entre outros. A doutrina das bem-aventuranças da Teologia da Prosperidade é calcada em um princípio bíblico das obrigações do fiel com a igreja, os dízimos e ofertas, para receber os dons de Deus é necessário pagar os tributos devidos a Deus.³⁷”

³⁶ CAMPOS JR., L. de C. **Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira**: a Igreja do Avivamento Bíblico. São Paulo: Annablume, 2009. p. 19.

³⁷ DIAS, Caroline Luz e Silva. **Os neopentecostais em Feira de Santana**: Da visão celular no modelo dos 12 ao mover celular do fruto fiel. 190 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual de Feira de Santana. 2009. p. 117-8.

Convém sucinta explicação do que significa ser uma comunidade pentecostal. É possível encontrar referências a um protopentecostalismo nos sermões e pregações desde a antiguidade. “Segundo Montano, por volta do ano 150, os cristãos já haviam abandonado certos carismas, por exemplo: ‘falar em línguas’, ‘receber revelações divinas’ ou esperar pelo poder da divindade ‘sinais’, ‘curas’ e ‘maravilhas’.”³⁸ Léonard localiza o que chamou de “iluminismo protestante” entre os anabatistas, grupo radicalmente perseguido durante a Reforma Protestante, que acreditavam em um novo batismo e nos dons³⁹. Para Campos, o Pentecostalismo Moderno, que tomou corpo nos Estados Unidos no início do século XX, seguiu caminhos já traçados pelo avivamento wesleyano, pelopietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade⁴⁰, movimentos religiosos avivalistas com características similares que antecederam o pentecostalismo moderno.

O pentecostalista ou pentecostista normalmente faz referência ao dia de Pentecostes como evento bíblico paradigmático original. Como exemplo veja o que diz o atual Pr. Presidente da CGADB, Jose Wellington Bezerra da Costa: “A comparação da Igreja do século 20 com a Igreja Primitiva, aquela que brilhou no livro de Atos dos Apóstolos, embora distante, sempre será necessária para não se perder o referencial.”⁴¹ O Pentecostes era a festa de traição judaica que celebrava a colheita, mais especificamente a festa descrita no livro de Atos dos Apóstolos onde após a descida do Espírito Santo os presentes “começaram a falar noutras línguas”⁴² proferidas pelos assistentes que participavam da cerimônia, mesmo sendo judeus da diáspora de diversas nações e com línguas distintas todos entendiam o discurso dos discípulos.

A confluência das doutrinas do batismo do Espírito Santo, da cura divina e do pré-milenismo por si só não deu surgimento ao pentecostalismo. Era necessária uma chama para fundir essas doutrinas em um corpo doutrinário único. O pentecostalismo encontrou essa chama no ‘falar em línguas’, que veio a tornar-se a marca distintiva do movimento, não obstante o ‘falar em línguas’ ser um fenômeno conhecido na história do cristianismo e mesmo em outras religiões. Por causa do ‘falar em línguas’ os historiadores do pentecostalismo tendem a considerar a ocorrência do fenômeno em Topeka

³⁸ CAMPOS, L.S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, n. 67, p. 100-115. set/nov 2005. p. 103.

³⁹ LÉONARD, É. G. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Bernardo do Campo: IMES (UMESP), 1988. p. 7.

⁴⁰ CAMPOS, L.S. op. cit., p. 109-110.

⁴¹ *Revista Obreiro*: liderança pentecostal. ano 22, n. 11.

⁴² BÍBLIA, Livro de Marcos. *Bíblia Sagrada*: edição corrigida e revisada. Trad. de: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1999. Atos 2, vers. 4.

na virada do século ou em Los Angeles em 1906 como o início do pentecostalismo moderno⁴³.

As primeiras notícias, do pentecostalismo moderno, apontam para Topeka, no Kansas, onde o professor metodista, do Bethel Bible College, Charles Fox Parham, insistia com seus alunos que buscassem o “batismo com o Espírito Santo” e o “falar em línguas”. Esta origem do movimento é comumente renegada, devido às crenças e condutas do professor que desabonaram a sua imagem de sacerdote. Parham defendia ideias racistas e simpáticas à *Ku Klux Kan*, além de ter sido acusado de homossexualismo.⁴⁴

No entanto, a predileta origem, o avivamento em Azusa Street, foi possível graças às audiências ministradas por Parham em uma Escola Bíblica no Texas, em que William Seymour aprendeu sobre a chama pentecostal enquanto assistia do lado de fora da sala, devido ao racismo do professor. Seymour, negro filho de ex-escravos, ascenderia o avivamento pentecostal quando assumiu um templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana em Los Angeles, mais precisamente, na Rua Azusa⁴⁵.

Breve relato da História da Assembléia de Deus no Brasil.

Adolf Gunnar Vingren e Daniel Berg, os fundadores da AD no Brasil, tiveram contato com a mensagem pentecostal em Chicago através de William H. Durham, ex-batista que se convertera ao movimento de santificação, um dos predecessores do pentecostalismo moderno.

A missão na rua Azusa em Los Angeles estava exercendo profunda força, tanto centrípeta como centrífuga, no mundo protestante. Ela funcionava como um potente imã, atraindo líderes de diversos segmentos do protestantismo desejosos de conhecerem o que estava ocorrendo ali, e como centro irradiador da mensagem pentecostal, enviando grupos para diversas localidades no país. Em agosto de 1906 um desses grupos visitou a missão Holiness em Chicago liderada por John C. Sinclair, que se pentecostalizou em novembro daquele ano e se tornou grande divulgador da nova mensagem. No início de 1907, estimulado por ele, Durham foi a Los Angeles e lá se pentecostalizou através de Seymour, aquele ex-discípulo de Parham. Nesse tempo a missão na rua Azusa ainda possuía um caráter multi-racial e multi-étnico. Retornando a Chicago Durham imprimiu esse caráter pluralista em sua igreja. Nela encontraram abrigo persas, italianos e

⁴³ SIEPIERSKI, P.D. **A emergência da pluralidade religiosa.** Disponível em: <http://www.bmgil.tripod.com/spd26.html>. Acesso em: 01 de jun. 2012.

⁴⁴ CAMPOS, L.S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115. set/nov 2005.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 110.

escandinavos, entre outros, os quais, incentivados por Durham, abriram suas próprias congregações.⁴⁶

Foi em South Bend, Indiana, que os suecos teriam recebido a profecia orientando-os a irem para o Pará, através de Olof Adolf Uldin em 1910 em um culto pastoreado por Vingren. Segundo relato de Daniel Berg, em entrevista a programa de rádio da AD em Santa Catarina,

Jesus me chamou quando estava em Chicago depois que Ele tinha me batizado com seu Santo Espírito, e foi para um lugar, chama-se São Bento. Irmão Vingren era Pastor de uma igreja Pentecostal naquela cidade, e ali pela revelação do Espírito Santo de um irmão, chama-se Uldin, Jesus nos chamou e ele mencionou Pará naquela revelação e fomos para livraria e procuramos [no] mapa e encontramos [o] lugar Pará perto do rio do Amazonas, boca do rio do Amazonas, e o Sr. Jesus pela oração nos mostrou que esta é a vontade do Senhor que fossemos juntos para [o] Pará e saímos pela [...] fomos consagrados para este trabalho quando nós saímos e o Sr. Jesus estava conosco quando chegamos [no] Pará 9h00 nós não tínhamos o dinheiro da passagem, saímos na cidade encontramos um irmão que sentiu a vontade do Senhor para dar ao irmão Vingren noventa dólares. O irmão Vingren disse que se esta é vontade do Senhor e [...] crê que é vontade do Senhor porque eu e meu companheiro Daniel nós vamos para [o] Brasil e não temos o dinheiro da passagem. Depois fomos direto a agência e compramos passagem da terceira classe para Belém do Pará[entrevista oral]⁴⁷.

Siepierski aponta que o destino dos pioneiros não seria de todo uma coincidência. Em fins do século XIX a região amazônica experimentava a fama advinda do auge da borracha. A principal rota de escoamento da produção seringueira passava pelo porto de Belém e tinha Chicago como um destino, assim como South Bend, onde a *StudebakeAutomobileCompany*, fábrica de automóveis que tinha por matéria prima a borracha brasileira, conhecida por tipo “Pará”⁴⁸.

Vingren e Berg rumam a Brasil sem apoio institucional e financeiro e encontram guarida em uma Congregação Batista pastoreada por Raimundo Nobre, sueco que convivera com a comunidade sueca nos Estados Unidos.⁴⁹ Passaram então a frequentar e apoiar a obra na Congregação Batista em Belém, até que divergências com o teor da doutrina e da prática pentecostal culminou com a exclusão de dezenove pessoas entre os batistas, estes passariam a

⁴⁶ SIEPIERSKI, P.D. **A emergência da pluralidade religiosa.** Disponível em: <http://www.bmgil.tripod.com/spd26.html>. Acesso em: 01 de jun. 2012.

⁴⁷ Entrevista gravada no CD “Memória das Assembléias de Deus: entrevista com missionário Daniel Berg”, em 1958.

⁴⁸ SIEPIERSKI, P.D. **A emergência da pluralidade religiosa.** Disponível em: <http://www.bmgil.tripod.com/spd26.html>. Acesso em: 01 de jun. 2012.

⁴⁹ CAMPOS JR. L. C. **Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira:** a Igreja do Avivamento Bíblico. São Paulo: Annablume, 2009. p. 90-92. e SIEPIERSKI, P. D. op. cit. p. 3.

compor o culto que se tornou a “Missão da Fé Apostólica” em 1911 e que passaria a denominar-se Assembléia de Deus no Brasil somente em 1917⁵⁰.

Seja por interferência divina ou ação planejada, o certo é que a posição inicial da AD em solo brasileiro se revelou bastante proveitosa. A mensagem e a experiência pentecostal encontraram terreno fértil nos corações e mentes dos trabalhadores nordestinos, que desiludidos com as expectativas de rápida ascensão social enfrentavam condições subumanas e o áspero trabalho servil que o extrativismo da seringueira lhes renegava. Este quadro resguarda similaridades com o contexto histórico em que o Pentecostalismo moderno surgiu nos E.U.A.

O pentecostalismo encontrou um ambiente muito propício em Chicago, tendo em vista que esse reavivamento foi a expressão de um movimento fortemente milenista [que pregava o retorno de Cristo para instaurar seu reino milenar] provocado pelas condições sociais altamente desfavoráveis encontrada pelas classes trabalhadoras espoliadas nos Estados Unidos. A expectativa milenista atraiu sobremaneira os frustrados trabalhadores americanos, entre eles milhares de imigrantes, desiludidos com o sonho americano e incapazes de transformarem efetivamente sua condição social⁵¹.

Esta localização inicial – Belém no Pará – também facilitou a ampliação da Denominação, AD, que seguiu os reflexos migratórios da borracha, do Norte para o Nordeste e depois para o Sudeste do País⁵².

A expansão geográfica da Assembléia de Deus segue em um primeiro momento o refluxo de imigrantes nordestinos desiludidos com a crise no ciclo da borracha e em um segundo momento o fluxo de imigrantes nortistas e nordestinos para o sudeste do país. Dessa forma, a Assembléia de Deus, que em 1920 estava estabelecida em nove estados (três do norte e seis do nordeste), em 1930 já estava presente em praticamente todo o país (quatro estados do norte, nove do nordeste, quatro do sudeste e três do sul)⁵³.

Entre a população de baixa renda, entre os trabalhadores desiludidos com a desventura da cultura da borracha a mensagem assembleiana foi irradiada pelo país.

⁵⁰ FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Campinas, 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas. 1993. p. 141, 142.

⁵¹ SIEPIERSKI, P.D. **A emergência da pluralidade religiosa**. Disponível em: <http://www.bmgil.tripod.com/spd26.html>. Acesso em: 01 de jun. 2012.

⁵² D’AVILA, Edson. **Assembléia de Deus no Brasil e a política**: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006. p. 43,44.

⁵³ SIEPIERSKI, P.D. op. cit. p. 2.

Ocorrem no Brasil, incessantes migrações das áreas rurais para as urbanas. Os homens do campo dirigem-se para as cidades e quase da noite para o dia aparecem áreas de favelas. A Assembléia de Deus prega o Evangelho para essas pessoas e muitas aceitam-no, aumentando o número dos que frequentam as igrejas. Descobriu ela que a nova receptividade entre essas massas migradoras.⁵⁴

Outro fator catalizador da expansão da AD no Brasil foi a atuação dos membros que utilizavam suas próprias residências para instalar pontos de pregação. Esta ação “leiga” teria sido responsável pela expansão a outros estados, seguindo rumos diferentes até mesmo dos fundadores que seguiram as ações de evangelização no caminho da estrada de ferro Belém-Bragança⁵⁵.

Os “assembleianos” brasileiros, um “*ethos* sueco-nordestino”?

Paul Freston considera que para o entendimento das normas e costumes da AD é necessário que seja considerado dois fatores: a origem dos missionários fundadores e a influência da cultura regional. Baseado nesta perspectiva, o autor conclui que a “Assembléia de Deus (AD) tem um *ethos* sueco-nordestino. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender estas marcas dessa trajetória, não se entende a AD.”⁵⁶

Os missionários suecos que tanto influenciaram os primeiros quarenta anos da AD no Brasil vieram de um país religiosa, social e culturalmente homogêneo, no qual eram marginalizados. Pertenciam a insignificante minoria religiosa num país onde vários trâmites burocráticos ainda passavam pelo clero luterano. Desprezavam a igreja estatal com seu alto *status* social e político e seu clero culto e teologicamente liberal⁵⁷.

A configuração do campo religioso sueco, do início do século XX, onde o luteranismo detinha o poder de uma Igreja Estatal e as dissidências protestantes eram legadas a marginalidade, explicariam a tendência assembleiana a uma “religião leiga e contra cultural, resistente a erudição teológica e modesta nas aspirações sociais⁵⁸”. A origem em uma ação

⁵⁴ READ, William R. 1967. apud: SILVA, Igor José Trabuco da. “**Meu Reino não é deste mundo**”: a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. p. 54-5.

⁵⁵ FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Campinas, 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas. 1993. p. 70,71. Ver também: ROLIM, F. C. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 71.

⁵⁶ FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.p. 76.

⁵⁷ Id., 1993. p. 69.

⁵⁸ FRESTON, P. loc. cit.

missionária de pequeno porte, já que a princípio os fundadores não eram capitaneados por nenhuma instituição, facilitou a nacionalização da AD, à medida que os missionários não tinham condições de criar grandes instituições que ficassem sob seu poder.

Disputas entre missionários e lideranças nacionais pelo controle dos templos e dos fiéis foram costumeiras, ocorreu com outras denominações, como a Presbiteriana e Batista.

As relações entre missionários americanos e a membresia da Primeira Igreja do Brasil nem sempre foram amistosas e fraternais. Enquanto portadores de uma nova doutrina que deveria ser inculcada nos neófitos, ou nos ‘pecadores perdidos’, por certo os missionários americanos norte-americanos sentiram-se e comportavam-se como líderes naturais.⁵⁹

No caso da AD, a história oficial do grupo indica uma solução pacífica para a disputa. Durante a Convenção de 1930, os missionários passaram as mãos dos brasileiros os “trabalhos nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, onde já haviam 1000 membros e 160 igrejas”⁶⁰ e passaria a se dedicar as missões no sul e sudeste do País. Afirma ainda, que assim o faziam “movidos pelo amor de Cristo, e ainda pelo amor que tinham aos irmãos brasileiros”.⁶¹ No entanto a convocação da reunião foi realizada por pastores nacionais que indicavam uma crise em curso. O texto oficial também deixa transparecer certo constrangimento, ao afirmar que os reunidos tinham o objetivo de “resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor”⁶² Para Gedeon, “ficou excluída, portanto, a versão de que os suecos ‘sentiam ser chegada a hora de deixarem a obra nas mãos de obreiros nacionais’ – os suecos foram pressionados.”⁶³

O sistema de organização da AD compreende um complexo de vários ministérios ligados por Convenções regionais que não obedecem, necessariamente, contornos geográficos e que estão ligadas a CGADB. Em nível local, a organização de um ministério ocorre com: o templo-sede – centro administrativo do ministério local cuja principal figura é o pastor-presidente eleito por um colegiado de ministros (pastores, evangelistas e presbíteros) – os demais templos são seccionados em setores, cada um tendo um templo-sede do setor com um

⁵⁹SILVA, Elizete da. Os Batistas no Brasil. In: _____; SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V.; SILVA, Elizete da. (orgs.) **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011.p.296.

⁶⁰ DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 29.

⁶¹ Ibid., p. 32.

⁶² Ibid., p. 23

⁶³ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.p. 120.

pastor setorialungido⁶⁴ pelo pastor-presidente, cada setor com seus templos-mães, templos e pontos de pregação. Os pontos de pregação ou obra são espaços (usualmente casas de fiéis, mas podendo ser até endereços comerciais) onde são realizadas reuniões de culto e/ou círculos de oração, normalmente em dias distintos ao do templo-mãe e são o embrião para o surgimento de um novo templo. O templo-mãe é o local onde congrega o fundador do ponto de pregação e que normalmente dá suporte a este. O templo-sede é o centro administrativo de determinado setor.

A administração do templo e dos cultos nos templos-mães e templosestá sobo encargo do presbítero, responsável por escolher e ungir obreiros (diáconos, secretários, porteiros, dirigentes de círculo de oração, professores da EBD, levitas e líderes de grupos). Já nos pontos de pregação a administração fica a cargo de um obreirode notável comportamento, adequado à moral e ética do grupo,e autorizado pelo presbítero.Os levitas são os responsáveis pelo louvor durante as reuniões; já os grupos são formados sob os critérios de faixa etária e de gênero, normalmente há grupos de crianças, adolescentes, jovens, senhores e senhoras, têm espaços reservados para cada um nos templos e na liturgia das reuniões onde cantam em coro e alguns representantes são convidados a ter espaço para louvar e/ou ler umapassagem bíblica e/ou testemunhar de suas experiências com Deus.⁶⁵

Este complexo organizacional “que deixa espaço para iniciativa leiga na expansão mas não no governo da igreja” é descrito por Freston como um sistema de governo oligárquico caudilhista, influência “da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60⁶⁶”.

Este panorama é tão mais correto quanto mais se considere as cinco primeiras décadas desde a fundação e menospreze a influência dos missionários oriundosdos E.U.A. A influência dos missionários fundadores não pode ser excluída quando tratamos da formação de uma identidade assembleiana, contudo a tarefa de criar um paradigma, se é possível fazê-lo, deve considerar outros fatores contra hegemônicos desprezadosnesta categorização. Não é objetivo aqui traçar um perfil do *ethos*assembleiano, apenas pretende-se, conforme as necessidades dos objetivos deste trabalho, delinear contornos, ou uma direção para o mesmo.Quando pensamos na formação de uma identidade assembleiana brasileirãonão pode

⁶⁴ A unção é uma prática veterotestamentária usada entre os pentecostais quando a ministração da cura divina, ou separação de um obreiro. O rito de “nomeação” serve tanto como distinção entre o indivíduo ungido e os outros do grupo, enquanto proteção divina para a realização das tarefas a que o cargo exige.

⁶⁵Estas informações foram obtidas através da observação de reuniões e conversas com pastores e membros de vários templos da ADESAL.

⁶⁶ FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Campinas, 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas. 1993. p. 72,73.

ser menosprezada a influência das dezenas de outros missionários e líderes que chegariam depois para apoiar a causa pentecostal no País.

Dados levantados pelo CEMP apontam que do total de 74 missionários vinculados à AD entre 1910 a 1960, 38 eram oriundos da missão sueca, incluídos aí os fundadores que à época da chegada ao Brasil não respondia por nenhum órgão de missão, somente em 1914, Daniel Berg fora vinculado a Igreja Filadélfia em Estocolmo que por iniciativa do Pr. Lewis Pethrus fundaria a *Svenka Fria Missionen* (SFM) – Missão Sueca Livre – responsável pelo envio de muitos missionários, posteriormente, ao Brasil. Neste mesmo período a AD contou com 29 missionários oriundos dos E.U.A.

No período de 1960 a 1990 foi contabilizado 27 missionários dos quais 7 da missão sueca e 18 dos E.U.A. Enquanto no período anterior a 1960 os suecos representavam 51% e os norte-americanos 39%, A partir da década 1960 esta presença se inverte com os suecos em 26% e os estadunidenses 67%. Contabilizando todo período (1910-1990), temos 45% de presença de missionários suecos e 47% de estadunidenses. No entanto, para Freston o contato com os Estados Unidos foi reduzido e teriam ocorridos conflitos de razões financeiras e culturais devido: a ênfase empregada pelos norte americanos na educação teológica, e as suas atitudes menos severas com relação aos costumes. “Os missionários americanos eram vistos como ‘mundanos’, e tiveram que apelar para outras qualidades. Um líder brasileiro sintetizou bem a situação: ‘Os suecos têm a doutrina e os americanos têm os dólares’”⁶⁷.

Apesar da citação do líder brasileiro, o autor acredita que “a influência financeira da igreja americana é reduzida”⁶⁸. Questão que também carece de estudo detalhado. Por exemplo, na Convenção Geral de 1947, o tesoureiro da CGADB apresentou comprovantes de depósitos da ordem de Cr\$ 435.534,60 no *National City Bank of New York* a título de ofertas em favor da CPAD e o missionário norte americano Kolenda afirmou que para adquirir maquinário para a CPAD havia contratado um empréstimo de 20 mil dólares, quantia da qual se comprometia pagar 50%⁶⁹, sinal de que havia capitais investidos pelos norte-americanos.

O envio de missionários do Departamento de Missões da *Assemblies of God* (AG) norte-americana foi motivo de conflitos com a SFM que parecia pretender exclusividade no campo. Até 1936 missionários da AG com interesse no campo brasileiro eram encaminhados à Missão Sueca, no entanto neste ano foram oficialmente enviados três casais de missionários.

⁶⁷ FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Campinas, 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas. 1993. p. 72.

⁶⁸ Ibid. p. 72.

⁶⁹ DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.p. 239.

O que desagradou os suecos, que logo recomendaram a AG que partissem para outros campos na América do Sul.

Apesar da Convenção em 1937, declarar, através de carta, à AG aceitar a presença de seus missionários sob a condição de que se submetessem a liderança da AD, várias missivas foram trocadas tratando desta questão. Os suecos queriam exclusividade – baseados no seu pioneirismo – e os americanos queriam “participar” do labor no País⁷⁰.

Neste contexto, o Departamento de Missões da AG, em Springfield, nomeou o Pr. John Peter Kolenda para sondar a situação do campo brasileiro e emitir parecer sob as possibilidades de missões da AG no Brasil com as seguintes opções:

- Primeira – Aceitar o pedido dos missionários suecos e recomendar que os missionários das Assembleias de Deus da América do Norte no Brasil deixassem o país e fossem redistribuídos em outros países sul-americanos.
- Segunda – Recomendar que os missionários norte-americanos organizassem uma obra separada no Brasil, ligada às Assembleias de Deus norte-americanas, independente da obra ali existente.
- Terceira – Achar um meio de cooperar com a obra ali existente das Assembleias de Deus, da qual os missionários suecos eram os pioneiros, e edificar uma só obra forte das Assembleias de Deus no Brasil⁷¹.

O Pastor Kolenda decidiu-se pela terceira opção recebendo depois dezenas de missionários da AG que tiveram como foco principal o ensino religioso, a evangelização e a produção de literatura pentecostal. A criação de institutos bíblicos⁷² e a formação teológica de pastores foram evocadas e defendidas nas reuniões da CGADB – em 1943, na IV Semana Bíblica, nas Convenções de 1946, 1948 e 1966 – principalmente por Kolenda, Lawrence Olson e Walter Goodband, missionários americanos, exceto Goodband, inglês que compunha a SFM⁷³.

A despeito da oposição por parte de alguns nacionais e suecos à instalação dos institutos bíblicos, foram implantados ao menos três, mesmo antes da Convenção de 1966, que recusou auxiliá-los, constam a existência: do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba, São Paulo; do Instituto Bíblico Pentecostal no Rio de Janeiro; e do Instituto Bíblico da Assembleia de Deus do Estado do Pará. Os dois primeiros fundados

⁷⁰ ARAÚJO, I. **100 acontecimentos que marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 318,9.

⁷¹ Ibid. p. 319.

⁷² Os institutos bíblicos são centros de ensino e estudo teológicos, com intuito de formar pastores, missionários e evangelistas em nível técnico e/ou superior.

⁷³ DANIEL, S. op. cit. p. 194, 5, 228,9, 252-4, 379-82. Verbete GOODBAND, WALTER In: ARAÚJO, I. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

respectivamente por Kolenda e Olson, ambos missionários da Assembleia de Deus norte-americana⁷⁴.

O modelo caudilhista é desafiado cada vez mais por alguns pastores jovens que são produtos, não da escala de aprendizado prático, mas da rota alternativa de uma formação teológica em seminário, levando ao pastorado com vinte e poucos anos de idade. O primeiro seminário é de 1959, fundado contra muita oposição. Hoje, há uns 50 institutos bíblicos, inclusive quatro seminários internos. Em 1978, a Convenção Geral instituiu a obrigatoriedade (não retroativa) de curso bíblico para o pastoreado⁷⁵.

As influências sueca e estadunidense agem principalmente enquanto disputas pela hegemonia na configuração deste *ethos* assembleiano. A crescente institucionalização da AD brasileira faz-se sentir não só na aceitação da educação teológica formal para líderes como também na mudança de aspectos dos costumes do grupo, como a exemplo da aceitação do uso da televisão.

⁷⁴ Ibid., p. 379-82.

⁷⁵ FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Campinas, 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas. 1993. p. 72.

⁷⁵ Ibid. p. 73.

Capítulo 2: A ASSEMBLÉIA DE DEUS NA BAHIA

Breve olhar sobre campo religioso baiano

A formação cultural e religiosa baiana mais remota se constituiu: da hegemônica influência da Igreja Católica, presente desde os primeiros passos dos colonizadores e detentora das prerrogativas de religião do Estado após a independência; e das manifestações afro-brasileiras, que subsistiram de modo marginal e até como protesto às duras condições desumanas a que estiveram submetidos os escravos; bem como a religiosidade indígena.

O catolicismo identificou-se e enraizou-se profundamente na cultura brasileira e baiana, tanto quanto na paisagem urbana. Observando-se Salvador, dir-se-ia que o próprio *ethos* da cidade configurou-se, de alguma forma, a partir do catolicismo.⁷⁶

A fé e a prática católica estavam tal modo enraizado na vida soteropolitana que o cotidiano da cidade era disciplinado ao som dos sinos das capelas, que também anunciavam as festas sagradas e procissões que, quase sempre, ocupavam as ruas da cidade.

Ao riscar em traços largos, a estrutura física da cidade episcopal, delineia-se o cenário amplo, o espaço cênico dos ritos sacros de todo o momento e os extraordinários dos grandes dias, contextualizados na teatralidade como ‘jogo cotidiano das interações face-a-face, onde todos são simultaneamente atores e espectadores’, quer nas formas minúsculas dos hábitos, quer nos espetáculos onde o aspecto ritual ultrapassa a rotina.⁷⁷

As religiões de herança africana conseguiram resistir à repressão policial e a condição marginal a que foram relegadas e ainda assim crescer, admitindo outras formas e se recriando a partir da realidade brasileira, absorvendo a linguagem e a forma da religião dos senhores brancos.

[...] a sobrevivência das religiões africanas deve ser entendida do ponto de vista do dualismo de classes opostas. Não podendo se defender materialmente da exploração do branco colonizador, o negro escravo

⁷⁶ SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria**: anglicanos e batistas na Bahia. 1998. 405 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 34.

⁷⁷ SILVA, Candido da Costa e. **Os segadores e a Messe**: o clero oitocentista na Bahia. Salvador, Ba: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, EDUFBA, 2000. p. 37.

refugiou-se nos valores místicos e fez da religião, muitas vezes, o veículo de protesto e de contestação da sua condição de escravo.⁷⁸

Este protesto se traduz em resistência cultural, na ressignificação das religiões de matriz africana enquanto: candomblé, candomblé das ervas sagradas, candomblé de caboclo, macumba, umbanda, etc., subsistindo também as desqualificações de que seriam simples “práticas supersticiosas e animistas”⁷⁹. E se cartografando na Geografia religiosa da cidade de Salvador.

Morar no centro da cidade e realizar as práticas religiosas nos seus arredores ou nos subúrbios, foi uma estratégia utilizada pelo povo-de-santo para manter viva as suas tradições religiosas. Estabelecer “roças de candomblé” nas zonas periféricas significa ficar longe da perseguição policial, o que não queria dizer livre da sua repressão. Esse deslocamento que permanecerá até o século vinte constituía-se, desde o século dezenove, uma alternativa para a realização dos diversos rituais. Não somente pela distância da intransigência policial, mas também pelas condições ambientais mais propícias aos cultos, ritos de iniciação e festas litúrgicas⁸⁰.

No entanto, este processo de afastamento do centro não significou em desaparecimento nem dos cultos, tampouco da religiosidade africana. “No meio urbano a crença nos mitos e ritos afro-baianos estava a se solidificar. Em cada rua e esquina soteropolitana o sagrado de origem africana encontrava uma espécie de nicho que se irradiava no cotidiano.⁸¹”

É em meio a este cenário, delineado acima, que os protestantismos vão buscar se inserir no campo religioso baiano e participar das disputas para construção de bens simbólicos, rivalizando com a hegemonia católica e contribuindo na tentativa de marginalizar e satanizar as religiões afro-baianas.

Como antes dito, ainda em tempos coloniais houve a presença de huguenotes e calvinistas em terras brasileiras. Há de se dizer dos calvinistas em terras baianas também. No entanto, a presença dos holandeses em terras baianas, no século XVII, esteve ligada às relações comerciais no contexto do mercantilismo. O que não representou, de fato, uma

⁷⁸ SILVA, Elizete da. Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 21, p. 51-67, jul/dez. 1999. p. 54.

⁷⁹ SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso. IN: DIAS, AndreLuisMattedi; COELHO, Eurelino T.; LEITE, Márcia M^a. Barreiros (Organizador). **História, cultura e poder**. Feira de Santana, Ba: UEFS, 2010. p. 108.

⁸⁰ SANTOS, Jocélio Teles dos. Geografia religiosa afro-baiana no século XIX. In: **Revista VeraCidade**. Salvador, out. 2009. Disponível em: <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/>>. Acesso em: 31 mai. 2013. p. 5, 6.

⁸¹ Ibid., p. 6.

influência marcante na formação cultural baiana, pois, efêmera não legou nenhum culto duradouro.

A presença protestante efetiva mais distante pode ser localizada com os anglicanos que em 1821, já dispunham de uma capela para suas celebrações religiosas. Mas, decerto já realizavam suas reuniões e serviços de devoção desde antes, gozando dos direitos que dispunham da assinatura do Tratado de 1810, que concedia aos súditos da Coroa Britânica no Brasil o direito à tolerância religiosa.

Em 1872, o Rev. Schneider auxiliado pelo nacional José Freitas de Guimarães, que trabalhava como colportor, instalaram a Igreja Presbiteriana da Bahia, inicialmente com total de quatro membros, dos quais, o casal de missionários fundadores e um casal de brasileiros recém-convertidos⁸².

Já em 1882, dois casais missionários batistas – William B. Bagby e Anna Luther Bagby, Zacary C. Taylor e Katharina Taylor – enviados pela missão americana de Richmond, aportam na Bahia e no mesmo ano de sua chegada fundaram a Primeira Igreja Batista na Rua do Canela. Após sucessivas mudanças durante sete anos entre residências alugadas adquiriram imóvel localizado na ladeira do Aljube, direita do Colégio.⁸³

(In)tolerância religiosa.

Os anglicanos se constituem enquanto igreja étnica, ou seja, tinham por premissa prestar assistência religiosa aos ingleses residentes ou transeuntes no País, não caracterizam, portanto, uma ação proselitista. O que não impediu que ocorressem querelas com o clero católico soteropolitano. Segundo a professora Silva, a reação católica antecedeu a instalação dos templos.

Em 1805, Rev. Henry Martyn, missionário anglicano, dirigindo-se para seu campo missionário na Índia, fez escala em Salvador: “A visita de Martyn produziu não pouca agitação nessa cidade do norte do Brasil. Foi atacado verbalmente pelo clero católico romano durante os dias que esteve ali (aqui) e sustentou animados debates teológicos com eles em francês e em latim”⁸⁴

⁸² SILVA, Elizete da. Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 21, p. 51-67, jul/dez. 1999. p. 57.

⁸³ TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os Batistas na Bahia: 1882 – 1925, um estudo de História Social**. 1975. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

⁸⁴ SILVA, Elizete da. Op. cit. p. 58.

Os britânicos, ainda em 1814, sentiram a necessidade de um terreno para construir um cemitério, já que os existentes estavam sob a administração da Igreja Católica, que impedia o sepultamento de indivíduos não professantes da fé católica romana. O mesmo ainda serviu para outros estrangeiros não católicos que moravam em Salvador⁸⁵.

Além da atividade fúnebre, outro sacramento iria gerar conflitos entre os anglicanos e a Sé Católica, o casamento entre católicos e não católicos. O direito a celebração do casamento religioso foi concedido pelo Imperador D. Pedro II, aos líderes protestantes em 1861, no entanto, mesmo antes disto já o realizavam. O casamento misto entre católicos e protestantes era considerado, pela Igreja Católica, um pecado contra a “fé cristã”. O nubente “herege” era incentivado a apostatar da fé, e aos que insistissem lhes era negado a benção divina⁸⁶.

Certamente, para os padrões sociais da época, não receber as bênçãos do matrimônio deveria ser algo muito constrangedor, em especial para as mulheres. Poderia até parecer uma espécie de concubinato para as autoridades eclesiásticas. Um problema grave nas difíceis relações entre protestantes e católicos que viviam na Bahia do século XIX⁸⁷.

Houve ainda outros episódios e embates religiosos registrados em estudos. Um em que o Reverendo anglicano Edward Parker foi mantido sob vigilância, por autoridade militar, e impedido de sair ou de receber qualquer pessoa em casa. E em 1863, quando o Rev. Richard Holdens distribuiu Bíblias e literaturas, além de celebrar reuniões em português para brasileiros. Nesse caso, o Arcebispo Católico recorreu aos jornais para depreciar os materiais ofertados, acusando inclusive de serem Bíblias falsas. As acusações foram rebatidas e se travou uma polêmica que saiu dos jornais e chegou à agressão física⁸⁸.

Se as lideranças católicas baianas já mantiveram animosidades em relação aos anglicanos o que poderia esperar da chegada do protestantismo de missão, que começou a se instalar em fins do século XIX, com a sua ação essencialmente proselitista? Decerto a chegada dos presbiterianos, em 1871, e dos batistas, em 1882, elevaria o calor das disputas pelos fiéis baianos na cidade de Salvador, sede episcopal⁸⁹.

⁸⁵ SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria**: anglicanos e batistas na Bahia. 1998. 405 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 84.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 282.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 61.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 48, 49.

⁸⁹ *Id.*, 2010. p. 107.

A Igreja Católica, gozando do status de religião oficial e hegemônica dentro do campo religioso baiano, recebeu com hostilidade o novo grupo não-católico. Não menos hostil, eram os ataques batistas direcionados ao catolicismo que eram utilizados inclusive como método de evangelização, aos olhos batistas “o catolicismo não era considerado como uma religião cristã, mas puro paganismo que tinha deturpado as verdades bíblicas. O verdadeiro cristianismo era seguido pelas igrejas evangélicas [...]”⁹⁰

Os batistas exerciam a sua ação proselitista de maneira ofensiva à fé católica, desqualificando-a. O que nos dá entender no trecho da missiva que o Rev. William B. Bagby, pioneiro batista na Bahia, envia a seus familiares,

Seja o que for em outras terras, o Catolicismo Romano no Brasil é paganismo glorificado. Seus templos e seus rituais, seu clero e suas vestimentas seu simbolismo, adoração de imagens e amuletos, sua penitências para os vivos e suas orações pelos mortos, são todos puro paganismo. O Romanismo aqui não tem semelhança com a religião de Jesus, salvo em profissão⁹¹.

Os campos de disputas já vivenciados com os anglicanos, vão se repetir com os batistas – no sepulcro aos mortos, nos laços matrimoniais e nas querelas teológicas – só que com mais intensidade. Silva localiza o agravo das tensões no período de trâmite no Senado Imperial da lei que propunha liberdade de culto. Onde ambas as partes se utilizaram da imprensa local e própria para defenderem suas posições. E as disputas nem sempre se limitaram ao plano das ideias e assumiram, nas suas manifestações físicas, feições de uma “guerra santa”,

Também aconteceram perseguições do ponto de vista pessoal, realizadas por populares, curiosos que estranhavam as práticas batistas. No livro de atas da Primeira Igreja Batista, estão registrados vários incidentes, resultando sempre em violência. Em 1884, durante um culto, que se fazia em casa de um irmão recém-convertido aconteceu “súbita perseguição e violência contra o irmão Bagby e o dono da casa o irmão ‘Pedro do Ó.’, pedradas no irmão Pedro e sua senhora e outra no irmão Bagby, na parte superior da testa, do lado direito, que o prostou em terra por uma síncope momentânea, abrindo uma brecha de uma polegada de comprimento, deitando bastante sangue que estancou logo que foi medicado”⁹²

⁹⁰ ALMEIDA, Luciane Silva de. **“O Comunismo é o ópio do povo”**: representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e o governo militar na Bahia (1963 – 1975). 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.p. 48.

⁹¹ HARRISON, Helen Bagby. apud. SILVA, Elizete da. Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 21, p. 51-67, jul/dez. 1999. p. 62.

⁹²Ibid. p. 64.

A situação em tela enseja o contexto do campo religioso baiano que os missionários assembleianos vão encontrar no momento da sua chegada, no início do século XX. Constantes conflitos entre a religião hegemônica e os grupos protestantes já instalados, permeado por instantes de tolerância mútua. Às religiões afro-brasileiras são legados o *status* de meros divertimentos folclóricos, tolerados – à medida que não representam ameaça a religião oficial – e expurgados policialmente do convívio – principalmente urbano, enquanto demarcadores da barbárie, da herança incivilizada da sociedade colonial.

A “boa nova” pentecostal chega à Bahia

Foram encontradas duas versões oficiais sobre o surgimento da AD na Bahia, o relato se deve essencialmente a narrativa mítica dos fiéis e a literatura apologética⁹³ produzida pelo grupo. A primeira, e mais antiga, está no livro do escritor e jornalista assembleiano Emílio Conde, *História das Assembléias de Deus no Brasil* escrito em meio às comemorações do Jubileu de Ouro da AD e lançado pela CPAD, em sua primeira edição em fins da década de 1960⁹⁴. A segunda versão consta na revista comemorativa criada pela ADESAL em comemoração aos seus 80 anos, divulgada em 2010. A versão da revista é, aparentemente, uma fusão entre a descrita por Conde com a oralidade preservada pelos fiéis.

A chegada da AD na Bahia se deve à irmã Joaquina de Souza Carvalho, de origem batista, que no início do século XX, teve contato com a mensagem pentecostal em Belém do Pará.

Bem antes de 1924, a irmã Joaquina Carvalho e seu marido José Clodoaldo, crentes batistas, foram perseguidos por homens sem temor de Deus, na região do rio Salsa, [...] Os homens amarraram o irmão Clodoaldo em um mourão e junto a ele fizeram uma grande fogueira. Em meio às chamas, ele clamava: “Ó Jesus! Ó Jesus! Ó Jesus!”, e o Senhor o ouviu, enviando pessoas em seu socorro. Desgostoso com o que ocorrera, José Clodoaldo resolveu mudar para o Pará com a esposa⁹⁵.

Não obstante o relato, é possível supor que a decisão da família da irmã Joaquina em migrar ao Pará tenha sido influenciada pelos atrativos do desenvolvimento da cultura da borracha, que obtinha desde 1854 boas cotações e bons patamares de exportação e partir de

⁹³ Literatura apologética se refere a produção feita pelo grupo e para o grupo, carente de rigor acadêmico e com a premissa de defender os seus interesses.

⁹⁴ DANIEL, S. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p.320.

⁹⁵ Nasceu assim... *Revista ADESAL: 1930 – 2010, 80 anos de vitórias*. Salvador: 2010. p. 05.

1888, com a invenção do pneumático, ascendeu até seu ápice, em 1912, quando entra em declínio⁹⁶. Esta conjuntura e os resquícios da grande seca que assolou a região Nordeste em fins do século XIX, provocaram uma “miragem do lucro espetacular [que] dominava psicologicamente as populações, miragem que foi uma constante na história econômica da borracha”⁹⁷.

Uma vez em Belém, o casal ingressou na comunidade nascente, retornando à Bahia por volta das décadas de 1910 e 1920. Segundo Conde, “Não sabemos se ela chegou ali unicamente para anunciar a mensagem pentecostal, ou se com outra finalidade⁹⁸”. A primeira explicação é muito pouco provável, afinal, já que o crescimento da AD é dado como algo aleatório, as lideranças não pareciam ter um planejamento estratégico para a expansão do grupo, nesse período⁹⁹.

A segunda versão tem uma explicação ufanista para os motivos que fizeram Joaquina retornar a Canavieiras,

Batizada com o Espírito Santo, a irmã Joaquina começou a pedir insistentemente a Deus que lhe desse condições de voltar à Bahia para pregar a mensagem pentecostal aos parentes. Uma vez o Senhor lhe mostrou, numa visão, um caminho todo cheio de pedras e ela ouviu uma voz que dizia: “O que vais fazer no Egito?” Assim ela entendeu que ainda não era chegada a hora de sua viagem. Tempos depois o Senhor lhe mostrou o mesmo caminho, mas desta vez ele estava tão límpido que parecia ter sido varrido especialmente para que ela passasse.¹⁰⁰

Virtudes pentecostais são elevadas nesta narrativa como forma distintiva à fundadora. O batismo com o Espírito Santo representa um apresto espiritual para a grande obra que estava a cumprir, o sonho e a preparação do caminho eleva a missão evangelizadora a uma ordenança divina. A “visão”, entre os pentecostais, está associada ao dom espiritual de revelação que é entendido como um contato com o divino, onde este revela segredos ou

⁹⁶ ANTÔNIO FILHO, Fadel D. Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides de Cunha. IN: GODOY, PRT., org. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.188.

⁹⁷ TOCANTINS, L. **Amazônia: natureza, homens e tempo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. apud. ANTÔNIO FILHO, Fadel D. Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides de Cunha. IN: GODOY, PRT., org. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 189.

⁹⁸ CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 167.

⁹⁹ ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 68-72.

¹⁰⁰ Nasceu assim... **Revista ADESAL: 1930 – 2010, 80 anos de vitórias**. Salvador: 2010. p. 05.

acontecimentos futuros. “O exercício do dom parece ser um elemento de importante significação na vida de uma pessoa pentecostal.”¹⁰¹

Mas, na busca desta “*outra finalidade*” provável descrita por Conde, pode-se inferir que assim como na sua despedida da Bahia, o retorno à Canavieiras – BA também pode ser explicado por fatores socioeconômicos. A cultura da borracha enfrentou crises sucessivas a partir de 1920 até sua derrocada. O que levou a um êxodo de retorno dos trabalhadores que migraram à região com vistas no enriquecimento. A crise da borracha e o movimento de retorno de trabalhadores à terra natal, constituídos principalmente de nordestinos, contribuiu para a expansão da AD, que se fez do Norte para o Nordeste e depois para o restante do país¹⁰².

A cidade de Canavieiras disputava com Ilhéus, enquanto pioneira na Bahia na produção de cacau. Em idos de 1746, foram plantadas sementes na fazenda Cubículo, situada às margens do rio Pardo, termo, onde hoje é o município de Canavieiras, mas à época pertencia à Capitania de Ilhéus. A lavoura se aclimatou bem à região, que séculos mais tarde seria chamada pelo seu nome “região cacauceira”. Em princípio não dominou a produção regional devido a preferência pela cultura da cana-de-açúcar, o baixo consumo nacional e a pouca exportação. Mas, a partir do século XIX experimentou um crescente aumento na produção e exportação. Entre os anos de 1905 e 1915 a produção alçou de 17.152 toneladas à 37.125 toneladas. Esse crescimento de cerca de 216,4 % atraiu “famílias vindas dos mais diferentes recantos do Brasil e do mundo, [...]. A vinda dessas famílias era estimulada por propaganda do governo”¹⁰³.

A partir da região cacauceira, a mensagem assembleiana se difundiu para outras regiões do Estado, inclusive a sua capital, Salvador. As informações em relação à chegada e instituição da AD em Salvador são um tanto vagas, o Pr. Robeval Nunes afirmou sobre a primeira reunião oficial do grupo em Salvador: “Foi um momento histórico, cuja ata está nos arquivos

¹⁰¹ SOUZA, Sueli Ribeiro M. **Em diálogo com Deus**: a construção de “self” entre as mulheres pentecostais. 2007. 278 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. p. 185.

¹⁰² ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus**: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 73-76.

¹⁰³ ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacauceira da Bahia**: uma abordagem fenomenológica. 2006. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2006. p. 82-88.

celestiais”¹⁰⁴. Ainda que vagas, dão notícias de que na década de 1920 o Pr. João Pedro, que trabalhou de forma itinerante pelo Nordeste e auxiliou no início dos trabalhos em Canavieiras, realizou reuniões e cultos ao ar livre com intenção proselitista. No entanto, a congregação oficial, ou seja, o primeiro culto realizado em residência fixa ocorreu em 1930, com cultos domésticos na residência alugada que servia de morada à família do missionário sueco Otto Nelson.

Otto Nelson imigrou da Suécia para os E.U.A, em 1910, em busca do sonho americano. Nesta mesma década aderiu ao pentecostalismo e casou-se com Adina Petterson. Não há informações sobre os motivos que fez com que o casal viesse para o Brasil, se vinham em apoio aos missionários fundadores ou se desiludidos com as condições de vida e trabalho em Chicago buscaram a promissora prosperidade difundida no auge da cultura borracheira. Mas há informações da chegada em Belém em outubro de 1914. Após um curto período no Pará seguiram para Alagoas, em 1915, de onde se deslocaram para a Bahia.¹⁰⁵

Não foram encontradas informações detalhadas sobre Adina Petterson Nelson nos arquivos baianos, a que pese não ser este o foco da investigação. Mas o Pr. Isael de Araújo informa que a esposa do missionário Nelson estaria envolvida em uma das questões mais polêmicas da História da AD, o ministério feminino:

Adina, como Frida Vingren, era pregadora e isso, segundo a pesquisadora sueca Gunilla Nyberg Oskarsson, foi o motivo do conflito de 1930 na primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus em Natal (RN). Otto Nelson ficou indignado porque alguns missionários queriam impedir o trabalho de Adina e escreveu várias cartas a Paul Ongman, então secretário da Missão Sueca, tratando dessa questão.¹⁰⁶

É de se esperar que a missionária Adina tivesse um papel efetivo na nascente denominação soteropolitana, no entanto, não sabemos se isto de fato ocorreu e caso positivo as suas decorrências. Ou se as discussões da Convenção de 1930 conseguiram disciplinar a ação da missionária. Na alusão ao culto inaugural a missionária sueca apareceu exercendo a função de porteira, cargo até hoje restrito a homens na AD.¹⁰⁷

¹⁰⁴ NUNES, Roberval. Salvador é do Senhor Jesus. **Revista ADESAL: 1930 – 2010, 80 anos de vitórias**. Salvador: 2010. p. 07.

¹⁰⁵ Verbete NELSON, OTTO. In: ARAÚJO, I. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

¹⁰⁶ ARAÚJO, Isael de. **100 Mulheres que fizeram a História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 30.

¹⁰⁷ NUNES, Roberval. op. cit. p. 07.

A primeira reunião oficial ocorreu sem visitantes, além de Nelson que dirigiu a reunião e sua esposa, estavam presentes suas filhas, Rute e Ester, e uma irmã que acompanhara a família desde Alagoas, Lídia. A primeira versão data a reunião em 27 de maio de 1930, enquanto a segunda em 25 de maio de 1930. Não foi encontrado nenhum documento que elucide a questão, tampouco, alguma questão que tornasse relevante esclarecer a diferença de datas.

Convém registrar que alguém estava orando a Deus para que Ele enviasse um obreiro à capital da Bahia. Conforme soube-se depois, esse alguém era João Domingos e família, um dos crentes mais antigos e fundador do trabalho em Belém do Pará.¹⁰⁸

Onde estava a família de Domingos que não recebeu os missionários e sequer foram à primeira reunião? Essa família de assembleianos poderia, ao certo, ter recebido os missionários em Salvador, e dado notícias sobre a situação da cidade. No entanto, os mesmos não são citados em nenhuma outra circunstância. O porquê de não constarem mais entre o rol de membros não é sabido. Podem ter se mudado, ou realizado trânsito religioso para outro grupo. Ou os relatos oficiais pretenderam ressaltar o pioneirismo dos missionários estrangeiros em detrimento dos líderes nacionais. No entanto, é pertinente inferir, por estes e/ou através do Pr. João Pedro, que os missionários estavam minimamente informados sobre a conjuntura existente na capital baiana. O que por certo norteou sua decisão por abrir este novo campo e a localização geográfica dos cultos.

Das primeiras reuniões, que ocorreram na moradia de Nelson e Adina, localizada à Rua Carlos Gomes, um dos mais importantes endereços no centro comercial da cidade e onde transitavam grande número de pessoas, o local de culto foi transferido para Rua dos Capitães, próximo a Praça Castro Alves, também no centro e próximo à Rua Chile. Daí então se mudou para a Baixa dos Sapateiros, nas proximidades da Rua da Poeira, até a locação do casarão na Ladeira do Boqueirão termo de St^o Antônio Além do Carmo, que durante o Império serviu de casa de veraneio ao Imperador D. Pedro II, e atualmente é de propriedade da ADESAL,¹⁰⁹.

¹⁰⁸ CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 170.

¹⁰⁹ NUNES, Roberval. Salvador é do Senhor Jesus. **Revista ADESAL: 1930 – 2010, 80 anos de vitórias**. Salvador: 2010. p. 07.

Figura 1- Imagem do templo da Assembléia de Deus do Boqueirão, à esquerda, no canto superior direito, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão.¹¹⁰



Endereços privilegiados para o intuito proselitista devido a grande circulação de pessoas, mas o percurso foi afastando-se cada vez mais do centro comercial, até endereço mais distante, no Boqueirão. O primeiro templo construído pela Denominação Assembléia de Deus seguiu a mesma lógica, foi inaugurado em 1941, na Rua Lima e Silva bairro da Liberdade.

A escolha do Boqueirão pode ter levado em consideração uma demarcação geográfica no enfretamento das disputas pelo campo religioso, como se vê na figura 1 se tratava de um território católico, pois vizinho ao casarão estava a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, como também um termo dos cultos afro-baianos, pois estava a cerca de quinhentos metros do Largo do Barbalho, para onde “foi a decisão do presidente da Província, em 1875, ao designar o Largo do Barbalho para práticas da religiosidade afro-baiana”¹¹¹. Teriam os assembleianos buscado a periferia para fugir de repressões? Tinham intuito de “libertar” os

¹¹⁰ Google Street View. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/preview#!q=Ladeira+do+Boqueir%C3%A3o%2C+Salvador+-+BA&data=!1m8!1m3!1d3!2d-38.50494!3d-12.96663!2m2!1f246.72!2f108.55!4f75!2m4!1e1!2m2!1sx9ytfSWKz-JEr4k3eCgG8Q!2e0!4m1!1m10!2i9!4m8!1m3!1d3255!2d-38.5037818!3d-12.9643787!3m2!1i1366!2i643!4f13.1&fid=5>. Acesso em: 22 jul de 2013.

¹¹¹ CAMPOS, J. da Silva. Ligeiras notas sobre a vida íntima, costumes e religião dos africanos na Bahia. Anais do Arquivo do Estado da Bahia, v. 29, 1946 p.299. apud. SANTOS, Jocélio Teles dos. Geografia religiosa afro-baiana no século XIX. In: **Revista VeraCidade**. Salvador, out. 2009. Disponível em: <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/>>. Acesso em: 31 mai. 2013.p. 2.

candomblecistas e católicos? Não foram encontradas informações que elucidassem estas questões, mas considerando o cunho extremamente proselitista da mensagem pentecostal, podemos ao menos inferir que este contato foi considerado.

O início do trabalho em Salvador não foi tarefa fácil. É conhecida de todos a grande idolatria que domina a cidade, cheia de igrejas do catolicismo romano, onde imagens de escultura são cultuadas. Não menos numerosos são os terreiros e cultos pagãos de origem africana trazidos pelos escravos, cujo desenvolvimento mais acentuado ocorreu na Bahia.¹¹²

Também é possível idear a relação dos missionários com a vizinhança e suas práticas religiosas, não toleradas pelo grupo. O relato de cunho racista sobre o trabalho em Maceió, atribuído ao missionário Otto Nelson, nos remete à uma visão colonizadora.

A primeira irmã que recebeu o batismo com o Espírito Santo foi uma irmã preta que nem como carvão mas lavada no sangue de Jesus, [...], ele é preto no exterior, mas por dentro lavado no sangue de Jesus¹¹³

O batismo e a presença do Espírito Santo são usados com a conotação racista de embranquecimento destes fiéis, que “apesar” de serem pretos são lavados pelo sangue de Jesus.

Apesar de carecer de estudos específicos sobre a mobilidade social na AD, é comum identificar os membros da comunidade, em primeiro momento, à classe pobre. Para Corten a devoção oriunda do discurso teológico profético “[reuniu no] fim do milênio [passado] massas consideráveis de pessoas de baixa renda”¹¹⁴ em torno do sentimento místico, emocional que é o batismo no Espírito Santo e os dons. “O rol de membros assembleiano foi fundamentalmente formado pelos mais pobres, ‘os deserdados’. Como foi dito, muitos escravos ainda estavam vivos na época de sua implantação.”¹¹⁵

¹¹² CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 170-1.

¹¹³ VIGREN, Ivar. 1987 apud. ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 66.

¹¹⁴ CORTEN, André. **Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 207.

¹¹⁵ ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p.139.

Capítulo III: DA “CAIXA DO DIABO” À PROPAGAÇÃO DA FÉ.

Em nome de Deus, a TV está em questão.

Durante a década de 1960, vários acontecimentos e inovações em nível nacional e mundial vão influenciar os costumes e o comportamento da sociedade brasileira de então. Ainda em 1960, a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, a viagem do russo Yuri Gagarin, o primeiro homem a acessar o espaço (1961), e a chegada à Lua de Neil Alden Armstrong (1969), o advento da pílula e a revolução sexual (1962), dentre outros, motivaram a ideia de que o País entrara em uma nova era: de modernidade e de inquietações, de uma juventude contemporânea aos movimentos de amplitude internacional que ficou conhecido como “geração de 60” ou “geração de 68”.

Os movimentos dos anos 1960, seja na sua expressão mais propriamente política, seja na contracultura, ou mesmo nos modos em que combinaram essas expressividades, tiveram como *traço* característico a transgressão de padrões de valores estabelecidos¹¹⁶.

[...] a contestação visava desde ao poder de Estado, em especial sua manifestação militar na guerra do Vietnã, passando pelo poder universitário em inúmeras universidades do mundo, até a suas manifestações em vários âmbitos da cultura e da subjetividade: o poder médico sobre o doente, o poder psiquiátrico sobre o doente mental, o poder masculino sobre as mulheres, o poder paterno sobre os filhos, o poder dos adultos sobre os jovens, o poder da moral tradicional sobre os costumes e os comportamentos¹¹⁷.

Essa conjuntura de contestação teve a televisão como uma divulgadora, e grupos religiosos e tradicionalistas como opositores.

No campo da comunicação, em 1960, o País já contava com vinte emissoras e cerca de 1,8 milhão de televisores espalhados pelas principais cidades. O uso do videoteipe, iniciado em 1960, possibilitou a edição sistemática dos programas que iriam ao ar, como também a repetição destes em outros dias, e/ou cidades e estados¹¹⁸. O “tape” marca o momento em que os programas e atrações passam a ter um caráter menos espontâneo e improvisado, e mais programado.

¹¹⁶ CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. In: **Tempo Social - Revista de Sociologia** da USP. nov. 2005, v. 17, n.2.p. 94.

¹¹⁷ Ibid., p. 101.

¹¹⁸ MATTOS, S. A. S. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 202.

Os principais gêneros produzidos na década, as telenovelas e musicais, apresentavam aos seus telespectadores enredos com aspectos da “geração de 60”, a exemplo da personagem feminista, Catarina, da telenovela “A indomável” que foi ao ar em 1965, pela TV Excelsior, uma das líderes de audiência à época.

Figura 2 - Publicidade telenovela “A Indomável”¹¹⁹

ELA É
IRREVERENTE!

ALEGRE!

CARINHOSA!

ELA É TAMBÉM
“A INDOMÁVEL”

história de uma jovem encantadora mas excêntrica, conquistada pelo mais estranho método já inventado por um homem!

• Grande telenovela inspirada em Shakespeare, com Edson França, Aracy Cardoso e grande elenco!

• Vestuários de acordo com a moda de 1925

Assista
**CANAL 9
TV EXCELSIOR**

De 2a. a sábado
às 19.25 horas

Presente de

Kolynos

¹¹⁹ Fonte: Sítio Retrô: vamos lembrar! Disponível em: <http://retrovamoslembrar.blogspot.com.br/2010/01/propaganda-de-novelas-da-decada-de-60.html> Acesso em: 23 Jul. 2012.

Já entre as décadas de 1950 a 1960, o número de aparelhos de TV demonstrou um crescimento vertiginoso, de 200 aparelhos no ano de estreia em 1950 a 3 276 000 aparelhos em 1968¹²⁰.

Logo na década de inauguração da TV no Brasil – 1950 – a programação da televisão brasileira já contava com um programa evangélico, o “Fé para Hoje”, da Igreja Adventista que foi ao ar em 1951. Também desta época inicia as atividades o Centro Audiovisual Evangélico Brasileiro (CAVE) com intuito de elaborar materiais audiovisuais evangélicos.

Nascia oficialmente o CAVE em 10 de agosto de 1952. Inicialmente uma obra de presbiterianos, em pouco tempo a [Confederação Evangélica do Brasil] CEB e a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) decidiram abrir o CAVE para colaboração de outras igrejas reformadas a fim de que as doações se ampliassem e a cooperação entre as igrejas aumentasse. Houve época, nos anos 1960, que o CAVE chegou a ter 28 sócios – 28 igrejas reformadas que contribuía regularmente com financiamento e funcionários. A empresa não tinha fins lucrativos e destinava-se a produzir material audiovisual para evangelização e educação.¹²¹

Apesar da introdução dos aparelhos de televisão no Brasil ter acontecido na década de 1950, e da presença de programas evangélicos, não foram encontradas referências no Mensageiro da Paz (MP), nem em nenhuma outra fonte consultada, sobre a utilização do aparelho neste decênio. Talvez isso se deva ao parco mercado ainda em voga durante o início da história da TV no País, onde o alto custo do aparelho de televisão fazia deste um privilégio das elites.

Ainda no princípio da década de 1960 é possível encontrar documentos que tratam “inovações” como malignas. Essas inovações podem referir-se às tecnológicas ou comportamentais, que são comumente chamadas de mundanismo, entre os adeptos. Atividades que não sejam consideradas como sacras são desaconselhadas e até proibidas aos fiéis, como: esportes, jogos, divertimentos e notadamente o cinema.

A verdade é que todos dispõem de tempo para ler jornais e revistas mundanas, e isso requer algumas horas de cada dia, mas não têm tempo, não querem reservar ao menos cinco minutos para ler um capítulo da Bíblia. Há sempre tempo disponível para assistir uma conferência de caráter mundano, para ir ao cinema, onde se aprende a corromper o caráter e manchar a dignidade; há sempre tempo para estar presente nos campos de

¹²⁰ Dados IBGE e ABINEE, apud. MATTOS, S. A. S. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 91.

¹²¹ BELLOTTI, Karina K. A participação dos evangélicos na mídia. In: SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V.; SILVA, Elizete da. (orgs.) **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011. p. 440.

esporte ou nos prados de corridas de cavalos, a embrutecer o espírito e a corromper o coração, porém não sobra tempo para assistir ao culto divino, na Casa de Deus. Ante essa inversão de valores; ante tal cegueira espiritual, temos que reconhecer que êste é o tempo do fim¹²².

O recorte acima, do artigo intitulado “TEMPO DO HOMEM E TEMPO DE DEUS¹²³”, sem autoria declarada, assim como: “Até Quando Ficarás Deitado?”¹²⁴, “APROVEITA O TEU TEMPO”¹²⁵. São exemplos da tentativa de doutrinar a membresia assembleiana sobre o dualismo Reino de Deus x reino do mundo, características entre os assembleianos. O ascetismo intramundano, conforme Weber,

O ascetismo cristão, que de início se retirara do mundo para a solidão, já tinha regrado o mundo ao qual renunciara a partir do mosteiro e por meio da Igreja. Mas, no geral, tinha deixado intacto o caráter naturalmente espontâneo da vida laica no mundo. Agora avançava para o mercado da vida, fechando atrás de si a porta do mosteiro; tentou penetrar justamente naquela rotina de vida diária, com sua metodicidade, para amoldá-la a uma vida laica, embora não para e nem deste mundo¹²⁶.

Os ascetas assembleianos estão no mundo – que jaz no maligno –, mas não pertencem a ele. Nas matérias em que a TV e o cinema, seu antecessor, são mencionados, nos primeiros anos da década de 1960, eles estão em suma maioria associadas a uma normatização do tempo dos homens enquanto tempo para Deus. Os argumentos para a repulsa à TV e ao cinema estão baseados, no desvio do foco de interesse entre as coisas sagradas e os “passa-tempos”, no desperdício de tempo e no conteúdo mundano destes veículos, tidos como satânicos. “Deus não alimenta seus filhos com passa-tempos, nem com coisas efêmeras, mas alimenta-os com as verdades contidas em seus próprios preceitos e mandamentos”¹²⁷. “Os cinemas são fatais à espiritualidade, destroem a confiança na Bíblia, o respeito pelos pregadores e cristãos e aumentam o fascínio pelo pecado”¹²⁸.

As disputas no campo religioso brasileiro não é peça etérea, nem estão soltas, antes interagem com outros campos. Provavelmente foi devido a essa difusão da TV, que na

¹²² Tempo do Homem e Tempo de Deus. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 21, nov. 1960. p. 1.

¹²³ A grafia dos títulos, em Versalete, foi preservada, pois pode tratar-se de artifício do autor, no intuito de denotar um chamado à atenção especial do leitor.

¹²⁴ Até Quando Ficarás Deitado? **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 04, fev. 1960. Paz.p. 1-2.

¹²⁵ FARIAS, J. P. de. Aproveita o Teu Tempo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 14, jul. 1960.p. 3.

¹²⁶ WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 121

¹²⁷ FARIAS, J. P. de. op.cit. p. 3.

¹²⁸ MORRIS, Harold. apud. DAVANZO, Américo. Sinais dos Tempos. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 09, jul. 1961. p. 6.

Convenção de 1968 o assunto fosse levado ao plenário, ante a “novidade” e a possibilidade da televisão chegar aos lares dos fiéis da AD.

As discussões sobre uma posição oficial das AD no Brasil sobre o uso da TV se acirraram no final da década, e mesmo diante da preferência da televisão como principal veículo ufanista do Governo Militar, um grupo de maior expressão na CGADB elevou a tônica do discurso combatendo frontalmente a propriedade e o uso do aparelho, assim como o conteúdo da programação. Essa discussão teve clímax na Convenção de 1968 e no período imediatamente subsequente.

Dois meses antes da promulgação da primeira resolução convencional proibindo o uso da TV, o Mensageiro da Paz da segunda quinzena de setembro dedicou uma matéria, de página inteira, sobre a “CAMPANHA NACIONAL DE BOAS NOVAS”, realizada em Uberlândia, em 1968, noticiou a divulgação e cobertura da cruzada, como o convite da emissora de televisão local para que evangelistas fizessem conferência.

As cinco emissoras de Rádio da cidade, a Rádio Televisão local e os jornais fizeram ampla propaganda com respeito a campanha. [...] Na abertura da campanha de Boas Novas, o coral da igreja apresentou vários hinos pela televisão local, e o pastor Bernhard Johnson saudou o povo da cidade. [...] Os evangelistas João de Souza e João Caitano foram especialmente convidados na ocasião para conferenciar na Televisão local com moços de outras Igrejas, sobre: SEXO, ALCOOL E ENTORPECENTES¹²⁹.

O pastor Bernhard Johnson Jr., fundador e presidente da Cruzada Boas Novas, foi um dos pioneiros da AD a manter programa de cunho evangelístico na televisão brasileira. Missionário filiado a AG, Johnson se inspirou no sucesso dos televangelistas estadunidense a partir de 1960, para criar o programa “Palavras de vida”¹³⁰.

No entanto, na mesma edição que anunciou o uso da TV pela Cruzada as críticas continuam: “o teatro e o cinema procuram explorar o Sexo, pois é o que o mundo deseja [...] O Diabo tem usado muito em grande escala a arma do Sexo para atrair a juventude e todos os homens à perdição eterna!”¹³¹. E ainda mais sobre o conteúdo e forma da programação, desta

¹²⁹FILHO, J. A. de Souza. Campanha Nacional de Boas Novas. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 18, set. 1968. p. 3.

¹³⁰ARAÚJO, I. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007 p. 403,4.

¹³¹SILVA, José Caetano. Quais seriam os “ais” de Jesus nos nossos dias. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 18, set. 1968. p. 2-4.

vez dirigida a recém-fundada Rede Globo, que tem grande ascensão e consolida a preferência no período, principalmente no Rio de Janeiro¹³².

[...] chegou-nos ao conhecimento que na madrugada de segunda para terça-feira de carnaval, entre 2 e 3,00 horas, a TV Globo focalizou por várias vezes o que não podemos mencionar, tal a sua desmoralização, DEUS NÃO ESTÁ SATISFEITO COM ESTAS COISAS e por nosso intermédio [...] dá um Ultimatum ao povo, para que se arrependa de seus pecados e volte-se para Deus, [...] Quantos que se dizem cristãos, deixaram-se [...] pela concupiscência dos olhos e fizeram como a mulher de Ló, olharam pra traz, olharam para o mundo através do aparelho televisor e entristeceram o Espírito Santo de Deus, assistindo a tanta desmoralização e insulto ao Deus dos céus e da terra [...] profanando seus próprios lares com as cenas expostas pela televisão durante a orgias da festa da carne, festa do Diabo¹³³.

Em novembro, o redator do MP demonstrou interesse no assunto que seria polemicamente debatido, no mesmo mês da Convenção de 1968, na entrevista concedida pelo Pr. Agenor Alves de Oliveira, o repórter questionou: “– Que pensa sôbre a Televisão; ela é PREJUDICIAL, ÚTIL ou NEUTRA à fé cristã?” Pr. Oliveira: “– É prejudicial.” Repórter: “– Qual o perigo que ameaça atualmente a Assembléia de Deus?” Pr. Oliveira: “– O mundanismo”¹³⁴.

O mundanismo é expressão recorrente para localizar a TV e tudo o mais que se deva combater pelos “salvos”. Apoiam-se, geralmente, no versículo “Sabemos que somos de Deus, e que todo mundo está no maligno”,¹³⁵ descrito no livro de João para sustentar sua ética intramundana, de estar no mundo, mas sem concordar ou participar dele, pois o mundo é a representação do mal.

Contrariando o caminho seguido pela maioria dos escritos desfavorável à televisão, o Pr. João Trigueiro escreveu matéria, em junho de 1968, discordando do doutrinamento dos fiéis pela uso e/ou propriedade da televisão e alertou para o risco da criação de um dogma conclamando os convencionais ao Cristianismo verdadeiro. Para Trigueiro, as inovações têm características positivas e negativas, não cabendo, portanto, a satanização de determinado aparelho. Ele defendia que o papel dos pastores da AD seria de orientar os assembleianos para a utilização adequada.

¹³²Fonte: “Boletins de assistência de televisão” IBGE In: **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol.14, n.2, Nov., 2008, Encarte Tendências. p. 515-45.

¹³³SILVA JR., Horácio da Silva. O Pecado de Sodoma. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 18, set. 1968. p. 4.

¹³⁴Entrevista com o Pastor Agenor Alves de Oliveira. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 22, nov. 1968. p. 3.

¹³⁵BÍBLIA, Livro de Marcos. **Bíblia Sagrada**: edição corrigida e revisada. Trad. de: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1999. I João 5, vers. 19.

Se a regra fosse condenar o [bem] conjuntamente com o mau, por [...] verem de modo paralelo neste [...] da vida, ninguém se salvaria. Nesta sequência dos inventos maravilhosos da atualidade e que não são plenamente compreendidos [entre] muitos, estão o rádio, a televisão e outras tantas coisas como porta[do]res de corrupção de costumes, [...]nas de serem abolidas por êste [mo]tivo, condenadas expressamente [por] aqueles que apenas olham o lado mau das coisas, sem análise detida e prudentemente a utilidade de tais inventos.

Julgamos, entretanto que um zelo semelhante ao daqueles que assim procedem, é tão amargo que só pode ser suportado por aqueles que já morreram e por isto não [vê] parte alguma do que se faz debaixo do sol.

Creemos que tôdas as invenções e descobertas que se têm sucedido desde o alvorecer dos tempos modernos, estão no programa [prá]tico estabelecido por Deus: [«A]ciência se multiplicará.»] Este programa de Deus tem sido cumprido e continuará cumprindo-se plenamente conforme a Sua soberana determinação.

Creemos que Deus ao fazer [vir à] luz o cumprimento dos [...] bíblicos com os inventos científicos para deleite daqueles que servem, jamais teve o propósito [de] serem os mesmos aplicados [para] satisfação de homens corruptos [e] carnavais que os pervertem à [seme]lhança daqueles que torcem as [es]crituras para a sua própria [satisfa]ção¹³⁶.

O pastor Trigueiro tentou chamar atenção para aos aspectos positivos que o bom uso de novas tecnologias podem trazer. Ao citar o rádio relembra um disputa semelhante que ocupou os líderes da AD à época da década de 1930. Sendo o rádio rechaçado por muitos e depois largamente utilizado para a prática evangelística pelo grupo.

DEVEMOS ENSINAR E ACONSELHAR OS FRACOS E NUNCA AMEAÇÁ-LOS OU CONDENÁ-LOS

Para nós, dissemos, a causa primordial da corrupção, não é o rádio nem o receptor de televisão, nem aqueles que os inventaram, e sim a corrupção que deles tem feito os homens inconvertidos ao puro cristianismo, que dizem crê em Deus, mas a concupiscência da carne os leva a negá-lo com as suas obras, empregando o seu dinheiro, a sua língua, o seu tempo, o seu rádio, o seu televisor, em coisas que infalivelmente poderão gerar pecado no coração de quem de todo não está convertido «o intotum» ao Cristianismo de Cristo.

[...]

[...]- porque só assim o crente saberá em que e quando deve aplicar o seu rádio ou televisão, e jamais se deixará atrair ou dominar-se por expressões ou gestos de homens e de mulheres que em figuras ou sombras aparecem nesses aparelhos em programas imorais.

Sim, o crente convertido de todo ao cristianismo, jamais deixará de ir aos cultos de sua igreja, sob pretexto de ouvir em casa programas radiofônicos ou televisionados, mesmo de caráter evangélicos, porquanto reconhece que tem grandes responsabilidades e compromissos, para com a sua igreja que somente êle, o crente, pessoalmente, poderá cumprir-los, os quais estão muito acima de quaisquer programas de diversões mundanas.

¹³⁶TRIGUEIRO, João. O cristianismo de Cristo. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 12, jun. 1968. p. 2.

Repetimos, no Cristianismo de Cristo, existe liberdade de ação entre os seus adeptos que não admitem outro Senhor além de Jesus Cristo!¹³⁷

O articulista assembleiano focou a crítica sobre o conteúdo dos programas e a responsabilidade do fiel em saber fazer o uso correto. Responsabilizou o fiel pelo uso correto dos aparelhos, ou seja, uso que obedeça a mordomia do tempo, a ética intramundana – que não interfira no tempo de Deus, nem nos seus princípios de pureza e retidão – para que não seja “corrompido”.

Nêste caso, mais fácil e [bíblico]será lutar por persuadi-lo de [seus] erros, com amorosos e sábios [con]selhos, demonstrando-lhes e [o que] tem acontecido e aquilo que po[de]rá acontecer-lhe, se não levar [...] na devida consideração a sua [po]sição de salvo, e se deixaram [levar] pela concupiscência a procurar [...] fora banquetear-se com os [es]carneceadores, escravos dos [olhos] das bebedices, das devassidões e [do] mau uso do rádio e da televisão. Sim, melhor será proceder aconselhando os fracos, do que [casti]gando-se demasiadamente [sem] lançar mãos da Palavra de Deus [...] parodiá-la em tom de mofa ([...]ria), com o fim de desdenhar daqueles que não lhes seguem as [inten]ções extremistas, à semelhança que aconteceu algures em nossa [...]prensa.

Isto, francamente, para m[im é] demasiado zelo amargo e [...]ingenuidade, levando inclusive [os] parodiadores da Palavra de D[eus] incorrer nas penalidades des[crita] em Apocalipse 22:18,19.

O crente fiel e convertido [está] no mundo, mas não se deleita [com as] coisas do mundo; e qual pé[...] que João Bunyan viu em seu [...]nho, sobe montanhas, desce [des]penhadeiros, atravessa pântanos[...] feiras de vaidades neste [...] mas não se contamina com [qual]quer deles porque sabe guardar a si mesmo no Senhor e o Mal não o toca. I João 5:18.

Meu bom leitor, com cinema [rá]dio, televisão ou sem tais [apare]lhos, a corrupção continuará mundo em crescente influência porquanto nem mais nem menos assim como foi nos dias de Noé [as]sim será também na vinda [do fi]lho do homem, disse Jesus. [Mateus]24:37-39.¹³⁸

Afirma ainda que o papel dos líderes do grupo deveria ser de instrução e não de punição a quem desobedecesse a proibição ao uso da TV. E faz menção a obra “O Peregrino”, livro do século XVII de João Bunyan, que retratava um viajante pela vida em busca do seu destino, a Cidade Celestial. Em sua jornada encontra personagens alegóricos que representam desafios a serem superados. O personagem principal representa o cristão em sua vida cotidiana, superando desafios – malícia, adulação, preguiça, etc... – em busca de uma vida santificada.

Ninguém queira julgar que somos a favor de quem usa mal o seu rádio, o seu dinheiro, o seu televisor e quaisquer outras coisas que se tornem nocivas à moral cristã!

¹³⁷ TRIGUEIRO, João. O cristianismo de Cristo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 12, jun. 1968. p. 2.

¹³⁸ TRIGUEIRO, João. loc. cit.

Mas somos defensores intransigentes de todas estas coisas mencionadas quando bem usadas para edificação daqueles que as possuam.

É preciso notar que quem escreve assim jamais gastou um centavo com os aparelhos supra-relatados, nem pretende gastar, e jamais deixou e não deixará de advertir quem quer que seja que na maneira de usá-los não faça distinção entre o bem e o mal. [...]também nunca se assustou [com] mosquitos voando sôbre o[ambien]te santo, quando uma cáfila de [ca]melos gigantes e feios passam [li]vrentemente pelo mesmo ambi[te] sem qualquer obstáculo, ou sem serem molestados.

Não será em um simples [...] de jornal à semelhança deste, [que] se dará um relato completo [do] Cristianismo de Cristo. Mas o [que] foi dito acima, creio, é bastante para lembrar que tropeçamos [em] muitas coisas – Tiago 3:3 – [po]rém precisamos reconhecer [...] humilhar-nos e confessarmos [a] realidade. Amém¹³⁹.

Note-se também que a concepção de santidade já está arraigada de tal forma ao combate as “inovações” e a televisão, que o Pr. Trigueiro afirma, santifica, o seu lugar de interlocutor, ponderando que nunca comprou e nem pretende comprar o aparelho. O Pr. Trigueiro foi 2º secretário da CGADB em 1936, reunião anterior a que liberou o uso do rádio para evangelização; e apesar de ter escrito vários artigos para o MP, infelizmente não foi encontrado nenhum traço biográfico do autor. Quando a produção do jornal independente “Voz da Verdade” em 1917, Alencar aponta para um Pr. João Trigueiro entre os editores, mas não é possível confirmar se tratar do mesmo¹⁴⁰. O espaço cedido a suas defesas da liberação da TV, dá a entender que este gozava de certa autonomia e prestígio na redação, pois como se veria mais adiante, mesmo quando escreveu textos mais opositores defendendo suas ideias, estes foram publicados. No entanto, não foi possível esclarecer com que respaldo fez tamanha oposição à Convenção.

Este debate teve destaque importante na Convenção de 1968. Até o momento da escrita deste texto a CGADB não autorizou o acesso às atas das reuniões convencionais, mas através do descrito no livro “História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil” e do texto da resolução convencional publicada no MP é possível traçar um esboço das disputas que ocorrem neste concílio.

Ao findar a sessão do dia 27 de novembro de 1968, o Pr. Moreira da Costa iria suscitar o assunto, até então, desconhecido nas atas da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil - CGADB, com o seguinte questionamento: “É lícito ao crente possuir televisão em sua

¹³⁹ TRIGUEIRO, João. O cristianismo de Cristo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 12, jun. 1968. p. 2.

¹⁴⁰ ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus**: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 76-7.

casa?¹⁴¹” O tema inspirava cautela, ao ponto de nos trabalhos do dia seguinte, 28 de novembro, não ter sido abordado, voltando a manifestar-se somente no dia 29, após imprecisão do Pr. Francisco Miranda, apoiado por Anselmo Silvestre, que apelou à seriedade do assunto. Aparentemente, o plenário aguardava com certo interesse contido, devido ao entusiasmo com que respondeu a interferência. Segundo o 2º secretário e redator da ata da reunião, “o assunto foi recebido com certo entusiasmo pelo plenário, que vibrava de alegria¹⁴²”. Várias falas e testemunhos pessoais atestando os prejuízos do uso da televisão foram relatados, como a do Pr. Francisco Assis Gomes, que fez alusão ao uso da TV “ao efeito da má língua, que contamina o corpo, inflama o curso da natureza e está cheio de peçonha mortal¹⁴³”.

Por outro lado, houve manifestações de alguns poucos que se referiram ao perigo de atitudes drásticas sobre o tema. Foi votada e aprovada a resolução que iria a ser publicada no periódico Mensageiro da Paz de 1969.

Sessão de 29-11: Considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente à família, a Convenção resolveu aprovar a seguinte proposta: a) os pastores e evangelistas das Assembléias de Deus no Brasil não devem usar aparelhos televisores; b) os que já o possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção Geral; c) os obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores; d) que os que possuem desfaçam-se dos mesmos a fim de evitar a suspensão.¹⁴⁴

No mesmo periódico em entrevista, o Pr. Joaquim Marcelino da Silva respondeu à pergunta repetida, em praticamente, todas as entrevistas com pastores:

– Que pensa o irmão do mundanismo? E quanto ao uso da televisão?
 – Acho-o perigoso e ameaçador da doutrina. Uma vitória que tenho tido é que os irmãos têm reduzido o uso da televisão. Estive 3 anos orando ao Senhor para saber a vontade d’Ele sobre o uso da televisão e o Senhor respondeu, porque entre 70 famílias que possuíam televisão atenderam aos nossos rogos e hoje apenas 3 famílias ainda resistem ao Senhor, apesar de terem sido grandemente castigadas. Quando comecei a agir o povo começou a vender seus televisores com a maior das facilidades e alegria¹⁴⁵.

¹⁴¹ DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 397.

¹⁴² DANIEL, S. loc. cit.

¹⁴³ Ibid., p. 398.

¹⁴⁴ XIX Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 01, jan. 1969. p. 8.

¹⁴⁵ Entrevistando o Pastor Marcelino da Silva. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 01, jan. 1969. p. 2.

A entrevista do Pr. Silva dá entender que “os castigos” contra os usuários já aconteciam antes mesmo da resolução, também confirma o uso do aparelho por parte dos fiéis. Ante a instituição da proibição, os artigos e menções contrários ao aparelho e às emissoras e seus programas se avolumaram no jornal Mensageiro da Paz, ainda assim a oposição à proibição da televisão persistiria.

Uma campanha, ainda que não sistemática, foi posta em curso no MP, o “órgão das Assembléias de Deus no Brasil,” com artigos escritos por pastores e presbíteros e testemunhos de fiéis, que normalmente misturavam argumentos, como críticas ao conteúdo mundano da programação e desperdício do tempo de Deus (escasso ante a iminência do fim do mundo), que após um contato profético, místico, sobrenatural com Deus, este anunciava a televisão como instrumento satânico e apresentava os prazeres de uma vida eterna no paraíso em detrimento do prazer limitado que a televisão possa oferecer.

TELEVISÃO VERSUS EMBARAÇO

Quero levar ao conhecimento dos prezados leitores do nosso querido MENSAGEIRO DA PAZ o que aconteceu em minha casa à avenida João Pessoa, 1.822, em Guaratinguetá, Estado de São Paulo.

Eu tinha aproximadamente doze anos quando chorava para que meu pai comprasse uma <<televisão>>. Enfim, persistindo eu em pedir, um dia êle resolveu e comprou-a. Eu e meus irmãos ficamos satisfeitos, saltamos de alegria por ter conseguido nosso objetivo. Para nós não havia coisa melhor do que ficarmos assentados diante do televisor assistindo os programas, muitas vezes até a uma hora da manhã. Porém, os nossos pais não nos permitiam que assim fizéssemos, mas eu e meus irmãos tínhamos combinado que, enquanto êles estivessem acordados, nós diminuiríamos todo o volume, e escurecia tôda a imagem; quando eles adormeciam, então nós dávamos mais luz à tela e aumentávamos um pouco o som. E assim ficávamos assistindo aos diversos programas.¹⁴⁶

No discurso do fiel, já se demonstrava a má influência com a desobediência, além do desperdício do tempo, isto é, a mordomia da doutrina do tempo, cara aos protestantes.

Três anos se passaram nesse mesmo ritmo. Quando completei quinze anos, resolvi passar pelas águas, e assim no próximo batismo se cumpriu em mim a Palavra de Deus, que diz: <<Quem crê e fôr batizado será salvo...>>, Marcos 16:16. Então comecei a meditar sôbre o problema da televisão em minha casa, sendo um lar cristão. Fiquei eu agora numa encruzilhada, não sabia o que fazer, se ia aos cultos, ou se ficava assistindo os programas que

¹⁴⁶SILVA, Edson Mateus. Televisão versus embaraço. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 05, p. 5, mar. 1969. p. 5.

antes apreciava. Meus pais não gostavam muito do televisor, e por essa razão falavam sempre em vender. Mas tôdas as vêzes que assim diziam, eu sempre dava o contra. Pois bem, passaram-se os tempos e êles sempre batendo na mesma tecla, até que um dia eu resolvi pedir a Deus que me desse uma revelação se deveria ficar com o televisor em minha casa, ou não.

A resposta inesperada foi positiva e categórica. Quando, num dia de sábado, por estar a atmosfera carregada, desligamos o aparelho mais cedo, cada um foi para seu leito; depois de haver dormido um bom sono, despertei-me mais ou menos a uma hora da manhã, com o barulho de um forte vento e uma trovoadas; levantei-me sem perda de tempo, não pensando em outra coisa, olhei logo para o televisor, se não havia perigo de queimá-lo, pois o mesmo ficava em frente à minha cama. No momento em que olhei para o televisor, estava como que ligado, e vi uma horrível criatura assentada como que num trôno. Fiquei em dúvida, pensei que estava sonhando, virei para outro lado e constatei que realmente eu estava acordado. Pensei que talvez fôsse a claridade dos relâmpagos, mas olhando novamente eis que lá estava a mesma criatura. Chamei o meu irmão que estava dormindo comigo e mandei que olhasse para o televisor, esperando que também visse alguma coisa, mas êlenada viu. Justamente nesse momento veio à minha mente esta pergunta: Você não pediu uma revelação a Deus? respondi para mim mesmo, é verdade, será esta a resposta de Deus? Depois de ter passado alguns momentos de meditação, pensando que tudo já havia acabado, virei-me novamente para o televisor e eis que ainda estava na mesma posição como antes. Então fiquei pensando: será esta visão sômente para mim? Procurei meios para dormir mas não foi possível conciliar o sono, os meus olhos ficaram sêcos e não fechavam, e, sem querer olhar para aquêle lado, uma coisa me obrigava a olhar. Tentei pela terceira vez para ver se realmente era verdade, e presenciei novamente como das demais vêzes, e da mesma forma, na mesma posição, o horrível personagem. Tudo isto com a televisão desligada, inclusive a tomada geral. Levantei-me e procurando controlar os meus artelhos, fui ao quarto de meus pais, e quando cheguei à porta para chama-los, aquêle personagem desapareceu, e êles nada viram. Então comecei a contar-lhes tudo quanto havia se passado comigo naquela hora, e, nem mesmo o meu irmão que estava ao meu lado, nada viu. Disse ainda mais: Eu tinha feito um pedido para que Deus me revelasse acerca da televisão, e estou bem certo de que, tudo é verdadeiramente a resposta de Deus para mim.

Um pouco trêmulo ainda, consegui descrever para êles a horrível criatura que vi. Êsse personagem, repito, era horrível; tinha enorme testa, e enorme nariz; e para mostrar quem era verdadeiramente a tal criatura, tinha na sua mão direita um objeto como que um garfo de três dentes, justamente como os desenhos que se vêem em diversos quadros, livros, e porque não dizer, ainda muito mais horrível. Enfim, não posso descrevê-lo com mais precisão porque não tive coragem de contemplá-lo a ponto de descrever tôdas as suas características.¹⁴⁷

Como anteriormente dito, a revelação, para os pentecostais é um contato com a vontade direta de Deus. A resposta do divino às dúvidas do fiel foram respondidas com essa visão. Esta experiência representa, entre os pentecostais uma descortinamento do “mundo

¹⁴⁷SILVA, Edson Mateus. Televisão versus embaraço. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 05, mar. 1969. p. 5.

espiritual”, não tangível à todos os olhares, e lá estava a TV como o trono do imundo. Descrito de maneira alegórica com seu tridente, versão do imaginário católico. Note-se também que o aparelho está no quarto, o que parece ter sido prática comum entre fiéis para escondê-lo de vigilância e fugir das punições.

Pois bem, depois que tudo isso aconteceu eu e meus irmãos concordamos com os nossos pais em vender o televisor, e ao mesmo tempo oramos a Deus pedindo misericórdia para não mais entrar em desobediência à Palavra de Deus. Esse fato aconteceu comigo Edson Mateus da Silva, aproximadamente há quatro meses atrás. Eu não relatei antes, porque esperava primeiro concluir a venda do aparelho; porque dizia eu assim: como testificarei perante o público a tal revelação, tendo ainda em minha casa o mesmo objeto? Mas, graças a Deus, agora já não o tenho mais, e por isso posso falar de cabeça erguida que Deus ouve e atenta para todos quantos o suplicam por misericórdia e os livra, como está escrito: <<O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra.>> Salmo 34:7.

Assim termino aqui o meu pequeno testemunho, agradecendo a Deus o Seu grande amor para comigo, dando-me esta revelação. E espero que não fique somente em palavras, mas que sirva de grande resultado e despertamento para todos quanto desejam, indistintamente, obedecer a gloriosa e sacrossante Palavra de Deus, para que naquele dia possamos entrar na cidade pelas portas e gozar eternamente nas mansões celestiais com Cristo Jesus nosso Senhor.

Conclusão: a televisão em si não é pecado, mas serve de embaraço para os cristãos, que desejam dar todo o seu tempo a fim de servir melhor ao seu Senhor. O embaraço foi a causa primordial da derrota de todos os homens de Deus no passado. <<Portanto, deixemos todo o embaraço... que tenazmente nos assedia, e corramos com perseverança a carreira que nos está proposta.>> Heb. 12:1.

EDSON MATEUS DA SILVA¹⁴⁸

Percebe-se que ante o exposto o testemunhador conclui que, apesar de tudo o que foi exposto, a TV “em si não é pecado”, mas serve de embaraço, o que dificulta a santificação. Outros tantos artigos seguiram a linha do testemunho integralmente escrito acima. Instaurando um período uníssono de declarado combate à TV e suas influências, às inovações e ao modernismo.

Temos escrito e havemos de continuar, assim Deus nos ajude, contra as inovações e o modernismo que procuram corromper a vida espiritual e os costumes dos evangélicos estabelecidos na Palavra de Deus¹⁴⁹.

O Diabo vive procurando todos os meios possíveis para ver se consegue entrar na igreja do Senhor Jesus Cristo. [...] êle apresenta-se com uma saia

¹⁴⁸ SILVA, Edson Mateus. Televisão versus embaraço. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 05, p. 5, mar. 1969. p. 5.

¹⁴⁹ Não haja silêncio em vós. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 08, jun. 1969. p. 3.

muito curta e apertada, a que se dá o nome de mini-saia. Depois êle volta com uma extravagância a que denomina de penteado. Não ficou satisfeito. Volta com uma calça justa no corpo, cabelo por cima dos olhos. É a moda da <<Jovem Guarda>>.[...]

Fechemos as portas às coisas do mundo. Tenhamos cuidado em nome de Jesus! Deus não quer mini-saia dentro da Sua Igreja. De igual modo os penteados usados pelo povo do mundo; muito menos os cabeludos e tão pouco a televisão¹⁵⁰.

O Pr. Trigueiro mais uma vez foi favorável à liberdade de escolha e critica a decisão da Convenção de 1968, acirrando ainda mais o debate. Confronta as Convenções Regionais e a Convenção Geral, acusando-as de dogmáticas – uma ofensa, pois, ao menos teoricamente, quem tem dogmas é o catolicismo, o protestante tem doutrina – e de não ter autoridade legal e sequer espiritual para legislar sobre a matéria.

PROSSEGUIMOS dizendo, ou lembrando algo daquilo que aludimos em artigos precedentes, com respeito às resoluções algo dogmáticas tomadas por Convenções regionais e mesmo pela Convenção Geral, quando se prestam a legislar para as igrejas, quando tal maneira de agir está de fora dos planos de Deus, que já nos deu a Bíblia como regra de fé e de conduta cristã, e também porque a tais Convenções falta autoridade espiritual e legal para legislar para as igrejas do Senhor.

Aliás, ao nosso modo de ver, deveríamos nessas reuniões, dedicar-nos aos estudos bíblicos, a aprofundar nossos conhecimentos da doutrina cristã e tudo fazer sem extremismo; porque este mal nos pode levar ao descrédito e ao ridículo perante a opinião cristã esclarecida de nossos irmãos; pois convenhamos que é ridículo criarmos hoje uma lei sobre determinado assunto e a vemos amanhã ou depois desmoralizada, por nos faltar a autoridade para mantê-la em evidência entre nós e sobre nós mesmo! Não fora o próprio ridículo do fato poderíamos citar em seguida alguns desses dogmas por nós criados, que jamais foram observados e que cedo caíram no descrédito em nossas igrejas!...

Sejamos coerentes, combatamos o mau proceder de nossos irmãos, mas o façamos sem extremismo, que nos poderão levar ao ridículo; pois se não formos cuidadosos, chegaremos as raias do descrédito perante nossos próprios irmãos, que vendo a nossas mesquinhez mental, quiçá, nos desprezarão, e com isso ao invés de produzir-lhes edificação de Deus, causaremos a queda espiritual daqueles a quem almejamos edificar na fé e no amor que há em Cristo Jesus¹⁵¹.

As respostas vinham celeremente, enquanto o Pr. Trigueiro tentava convencer os pastores e fiéis assembleianos que a proibição da TV não cabia a CGADB, nem a nenhuma outra convenção regional da AD, na mesma edição, de maio de 1969, publicava-se,

¹⁵⁰BARRETO, Josué F. O que Deus está exigindo de sua Igreja. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 10, mai. 1969. p. 4.

¹⁵¹Mensageiro da Paz. ano 39, n°15, 15/08/1969.

Começando pelos obreiros, muitos de nós temos deixado a Sã doutrina pelo formalismo que está levando a descrença aos lares e às igrejas. Já estamos permitindo em nossa Igreja a vaidade, os enfeites, as vestes escandalosas (vestido apertado, curto, mini-saias), o feminismo (moços com cabelos compridos, vestes femininas)! Já existem Igrejas Evangélicas nas quais as mulheres estão usando roupas masculinas!

[...]

Que faremos dos televisores, banhos de praia, maillots, cabelos cortados, pernas e braços raspados, cabelos espichados, namoros escandalosos, etc?... Alguns moços crentes já são play-boys, usam cabelos compridos, vestes femininas. [...] Quando alguém fala que estamos saindo do Plano de Deus, a resposta é: << Estamos no século XX, estamos em evolução>> Mas nós encontramos uma advertência do apóstolo Paulo, <<Não vos conformeis com êste mundo>>. Romanos 12:2¹⁵².

A contraposição do Pr. Trigueiro, até então baseada em princípios teológicos e racionais, desenvolveu a sua argumentação com o modelo da ironia socrática. Sua posição era basicamente denunciar e colocar a responsabilidade das decisões convencionais à prova,

Algures foi deliberado por algumas de nossas Convenções, excluir da igreja quem possuísse determinadas coisas, por serem as mesmas consideradas perversas contra a consciência cristã. Levando em consideração os males causados pelos referidos objetos à vida espiritual daqueles que os possuem, etc.

Que faremos então com a nossa língua? Haverá em todo mundo algo mais nocivo do que a língua humana? Quem promove as guerras? quem ofende a Deus e aos homens, quem blasfema, quem detrata mal do próximo e até dos irmãos, quem murmura contra Deus e contra todos, o que emprega o homem para fazer tudo isso? A LÍNGUA! Sim, que faremos dela? vamos levar a uma convenção a proposta para que cada membro da Assembléia de Deus tenha cortada a língua para evitar que se preste à prática de qualquer desses males? Porque êles, homens e mulheres, estarão enquanto vivos forem, sujeitos a se prestarem ao mau uso da língua! Tiago 3:5-6.

Lògicamente, ciente do mal que um tal instrumento pode causar à humanidade, é-nos conveniente prevenir do que remediar! Então que vamos fazer? não é melhor agirmos a tempo e acabarmos com as línguas? estabelecermos convencionalmente que aquêles que se converterem, terão as línguas cortadas como preventivo contra o mal que elas poderão produzir em qualquer tempo?!.-.

Não. Absolutamente não! Nenhum de nós cairia em tamanha insensatez de levar a uma de nossas convenções proposta tão absurda! Todavia, temos feito coisas bem semelhantes [a essas, fizemos] sem refletir nas consequências que poderão advir!...

Amados irmãos, se a nossa luta já é grande quando nos esforçamos por ensinar aquilo que está escrito na Palavra de Deus, e que é o nosso dever, por que ainda criar dogmas, que por sua natureza humana são contrários às conveniências pessoais de outrem?¹⁵³

¹⁵² NASCIMENTO, Odilon Duarte. Devemos cumprir a sã doutrina. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 15, mai. 1969. p. 5.

¹⁵³ TRIGUEIRO, João. Considerações oportunas IV. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 16, ago. 1969. p. 2.

Na Convenção de 1971, foi designada uma comissão para estudar e elaborar parecer sobre o uso da televisão. Já no encontro de 1973, a Plenária cedeu espaço para o seu relator. Apesar de não ter tido acesso ao documento final, através dos comentários da plenária entende-se que este se pronunciara desfavorável. A tônica dos discursos seguiu a linha do Pr. Athaíde Rodrigues Lima, que “verberou fortemente contra aqueles que, possuindo um aparelho de TV, trazem o próprio cinema e o demônio para dentro de casa”¹⁵⁴.

Em oposição ao coro avesso ao uso da televisão, o Pr. João de Oliveira Carneiro relembra uma porfia semelhante, “com o rádio já aconteceu igual oposição no passado”¹⁵⁵ que teve o clímax na Convenção de 1937, sendo inicialmente proibido o uso do rádio, posteriormente retroagindo e utilizando este meio como instrumento oficial de evangelismo. Esta observação aumentou os ânimos do plenário, principalmente do Pr. Leivas Macalão, de linha conservadora, que na ocasião fora presidente da Convenção e principal opositor ao uso do rádio¹⁵⁶.

Sob esta polêmica foi decidido, por maioria absoluta dos votos, ratificar a proibição ao uso da TV, criar uma comissão responsável por avaliar a situação dos que possuem o aparelho e publicar estas resoluções no jornal Mensageiro da Paz. No dia seguinte a proposta de publicação foi retirada, após o Pr. Altomiresda Cunha prevenir os presentes do “perigo de combater frontalmente os meios de comunicação devidamente reconhecidos pelo Governo”¹⁵⁷. A preocupação se explica devido à conjuntura política do País, em plena Ditadura Militar, que utilizava a mídia televisiva como propaganda ufanista do regime e exercia censura prévia sobre os meios de comunicação.

A Convenção de 1975, sediada na cidade paulista, Santo André, se ocupou de oficializar as normas de usos e costumes a ser adotadas pelos assembleianos, mais uma tentativa de manter a unidade e coesão do grupo. O documento produzido ficou conhecido como resolução de Santo André.

¹⁵⁴DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 423.

¹⁵⁵Ibid., p. 423.

¹⁵⁶Convenção Geral em São Paulo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 22, p. 4, nov. 1937. p. 4.

¹⁵⁷DANIEL, S. op. cit. p. 424.

Resolução de Santo André, usos e costumes para as Assembléias de Deus no Brasil.

Entre conformações e conflitos, a edificação de um padrão de usos e costumes da AD foi instituído em resolução da Convenção Geral de 1975 sediada na cidade paulista de Santo André. A Resolução foi um marco importante na história da AD, com a oficialização de regras e condutas que já existiam de forma consuetudinária, propôs um consenso, dirimirestas questões polêmicas que regularmente emergiam nos Concílios pelo País.

A Resolução foi um marco importante na história das Assembléias de Deus no Brasil, pois com a oficialização de regras e condutas que já existiam de forma consuetudinária, propõe-se ao consenso, e a pôr um fim em questões polêmicas que regularmente emergiam nos Concílios pelo País. Quanto a arregimentação, aparentemente, tem seu sucesso logrado, quando tratamos da televisão estas regras só seriam reformuladas em 1999, no 5º Encontro de Líderes das Assembléias de Deus (ELAD) e de forma discreta recolocada sobre os mesmos lugares com redações atualizadas.

Dois bons motivos vindos dos Exterior, porém, afetaram a prática pentecostal a respeito do assunto. Um primeiro foi consequência da visita de Billy Graham ao Brasil em 1974. Esse evangelista chegou a lotar o Estádio do Maracanã, e foi antecipado em sua visita por programas de televisão destinados aos evangélicos e aos pentecostais, estimulando-os a participarem ativamente da campanha. Um segundo motivo se deveu à entrada no Brasil de televangelistas norte-americanos, alguns deles pentecostais e pregadores da própria Assembléia de Deus nos EUA. Um deles, Rex Humbard (1919-2007) colocou no ar o seu programa, aqui no Brasil em 1978, que continuou a ser apresentado até 1985.¹⁵⁸

Às vésperas da Convenção de Santo André, a publicidade do programa do famoso Pastor e televangelista Billy Graham, veiculada no MP, agitaria os ânimos dos contrários à TV, e que, além de anunciar data e horário, apontava a disposição de algumas igrejas de instalar televisores para que pudesse receber os telespectadores. Graham é um dos mais conhecidos pastores batistas, suas cruzadas alcançavam multidões pelo mundo, inclusive no Brasil.

Billy Graham novamente prega o evangelho pela televisão. Irá ao ar, em transmissão nacional pela Rede Tupi de televisão uma nova série de pregações, às 20,00 horas, nos sábados 20 e 27 de julho e ainda em 3 de agosto.

¹⁵⁸ CAMPOS, L. S. Evangélicos e Mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. **REVER, Revista de Estudos da Religião**, set./2008, p. 15.

Como grande mensageiro de Deus foi visto e ouvido há alguns meses atrás em lugares especialmente escolhidos, agora poderá ser visto no país todo. Muitos crentes receberão os seus amigos e vizinhos para assistirem as pregações. Algumas igrejas têm planos de colocar aparelhos de televisão no próprio templo e convidar a todos a assistirem juntos, fazendo da transmissão verdadeiro culto evangelístico, inclusive com apelo para aceitar a Cristo.¹⁵⁹

A nota divulgada pelo diretor de publicações dá uma ideia da atualidade da discussão. A mínima menção à televisão foi interpretada como apologia; e ante as críticas, o diretor respondeu assumindo o papel de réu.

[...] Como somos 'Imprensa Evangélica' vinculada aos periódicos que representam o evangelismo nacional, publicamos por deferência à citada Campanha à qual estão ligados **grandes líderes** das 'Assembléias de Deus', particularmente da Guanabara, fato este, que, por si só, justificaria a publicação.

No entanto, há chegado ao nosso conhecimento que alguns, por zelo sincero ou por estarem mal informados, têm censurado a referida publicação, dizendo que o MP não deveria nem deve 'publicar propaganda sobre televisão'

Queremos declarar e o fazemos dentro do direito que nos assiste, que jamais publicamos ou publicaríamos qualquer propaganda sobre tal instrumento de divulgação, se para isso não estivermos autorizados, pois sempre nos primamos pelo cumprimento das decisões da Egrégia Convenção Geral, que em reunião passada, houve por bem eleger uma Comissão destinada a estudar o assunto 'televisão', portanto, cabe àquela Comissão se pronunciar a respeito do fato em tela.

Pelos motivos expostos, a publicação da nota 'à imprensa' no MP n°8, não pode nem deve ser considerada como 'propaganda' ou estímulo para que membros de nossas Igrejas comprem ou usem o citado instrumento de divulgação.

(Diretor de Publicações)¹⁶⁰

A normatização desses e outros costumes não aconteceram sem dissensos. É o que nos remete a exortação feita pelo Pr. José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB) no jornal institucional da denominação, o "Mensageiro da Paz" (MP) de fevereiro de 1991: "Não é costume dos crentes na Assembléia de Deus o uso de pinturas, brincos, etc. Não somos retrógados, desejamos [apenas nos conservar] irrepreensíveis... Não danifique a Assembléia de Deus, ame-a ou deixe-a"¹⁶¹.

¹⁵⁹ Notas importantes à imprensa. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 08, abr. 1974. p. 4.

¹⁶⁰ Sobre Televisão. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 01, jan. 1975. p. 11.

¹⁶¹ COSTA, José W. Bezerra da. apud. FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto... (et al). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, 1994, pp. 67-99. p. 76.

A convenção decorreu sob este clima de desconfiança por parte da ala conservadora. No entanto o Pastor anfitrião da Denominação Assembléia de Deus em Santo André, Joaquim Marcelino e o Pr. Túlio Barros, eleito para a presidência da Mesa, conseguiram aprovar o texto que se segue.

‘E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meus’ (Lv. 20.26)

A Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costume desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

- 1) Uso de cabelos crescidos pelos membros do sexo masculino;
- 2) Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino;
- 3) Uso de pinturas nos olhos, unha e outros órgãos da face;
- 4) Corte de cabelo por parte das irmãs (membros ou congregados);
- 5) Sobrancelhas alteradas;
- 6) Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
- 7) Uso do aparelho de televisão, convindo abster-se tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas, abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir eventuais problemas de saúde.
- 8) Uso de bebidas alcoólicas¹⁶².

Segundo Daniel, a aprovação da proposta se deu por unanimidade. Situação no mínimo estranha, já que o mesmo autor afirma que houve discordâncias frontais no ponto da pauta imediatamente posterior à votação da resolução. O ponto tratava da influência da presença dos televangelistas, neste Billy Graham foi citado como um prejuízo espiritual, que influenciava os fiéis a adquirir o aparelho televisor. Desta forma, o debate citado anteriormente no MP se apresenta na Convenção, tendo alguns pastores defendido o televangelista como um “homem de Deus”, a exemplo do Pr. Alípio da Silva¹⁶³.

Se o objetivo da resolução era por fim as dissensões ante aos temas de maior polêmica nas últimas décadas, sua eficácia foi limitada. Constantemente o tema retornaria à plenária da Convenção, em 1985, 1990, 1995 e 1999. No entanto a resolução só perderia sua vigência no 5º Encontro de Líderes das Assembléias de Deus – ELAD, em 1999, quando o texto seria

¹⁶² ARAUJO, I. **100 Acontecimentos que marcaram a História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 449,50.

¹⁶³ DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 439,40.

reformulado, mas de forma discreta as proibições seriam refeitas sobre com redações atualizadas,

Convém atualizar essa redação omitindo a expressão “como doutrina”, ficando assim: “sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde início desta Obra no Brasil”. Quanto aos oito princípios da resolução, uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é:

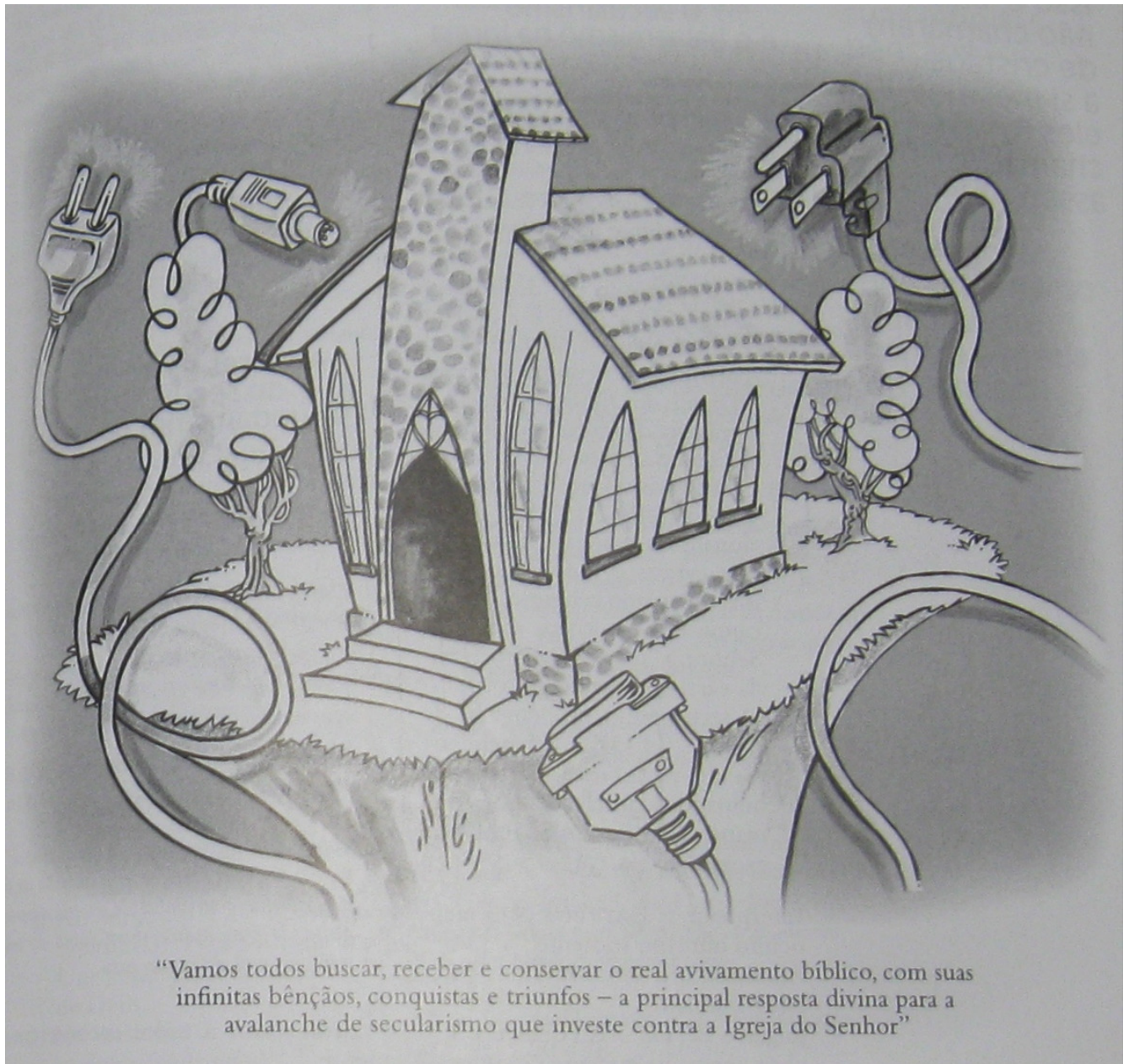
1. Ter os homens cabelos crescidos (1Co 11, 14), bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1Tm 2.9-10)
3. Uso de pinturas e maquiagem – unhas, tatuagens e cabelos (Lv. 19.28 e 2Rs 9.30);
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1Co 11.6,15);
5. Mal uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1Co 6.12 e Fp 4.8);
6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv20.1;26.31; 1Co 6.10 e ef. 5.18)¹⁶⁴.

Assim diria na norma “5) Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1Co 6.12 e Fp. 4.8)”¹⁶⁵. Dissimulando assim a revisão feita quanto ao uso da televisão, agora liberada sob a égide de sua boa utilização.

No entanto, na mesma edição da revista “*Obreiro*” – produção da CPAD cujo o publico alvo era os líderes – dedicada ao 5º ELAD que reconfigurou as proibições quanto ao uso, posse e propriedade de tecnologias da comunicação, foi publicado também a imagem reproduzida na Figura 4, onde o templo – representando a igreja, enquanto reunião dos salvos – é ameaçada pelo “mundanismo”, representado por cabos de periféricos de computador (plugues e cabos de força, de mouse e de impressora matricial) e um cabo de força com plugue bifásico comum à televisores, que semelhantes a serpentes (simbologia do pecado), ameaçam invadir o templo.

¹⁶⁴Revista Obreiro: liderança pentecostal. Rio de Janeiro. CPAD, ano 22, nº 11, jun. 2000. p. 55,6.

¹⁶⁵Ibid., p. 55,6.

Figura 4 – Imagem igreja e mídias.¹⁶⁶

¹⁶⁶Fonte: Revista Obreiro: liderança pentecostal. Rio de Janeiro. CPAD, ano 22, nº 11, jun. 2000. p. 39

Representações construídas sobre a televisão pela Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia.

Ainda na década de 1950, mesma da introdução dos aparelhos de TV no Brasil, a Bahia, e particularmente sua capital, experimentou a sua primeira transmissão de televisão. Nos dias 08 e 09 de Dezembro de 1956 foi ao ar a transmissão experimental da TvItapoan idealizada por Assis Chateaubriand. Aparelhos televisores foram espalhados em pontos de Salvador, um oferecimento da Rádio Sociedade, Panamérica, Rebratel e Philips. E aos primeiros telespectadores foi oferecida programação com a Missa matutina da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e no dia seguinte, a execução do Hino Nacional¹⁶⁷.

A inauguração oficial da primeira emissora em solo baiano, a TvItapoan, só iria ocorrer quatro anos após o experimento. Em 19 de Novembro de 1960, iniciou suas atividades com programação e formato marcado pelo improvisado e como uma espécie de extensão do rádio. Na inauguração repete-se a estratégia da transmissão experimental, espalharam televisores por diversos cantos da cidade para que a população acompanhasse a novidade, e como estratégia para atrair publicidade. Entre as primeiras externas, um dia após a inauguração, foi transmitida missa na Igreja do Senhor do Bonfim e dias depois a partida de futebol clássica no cenário baiano, Bahia x Vitória.¹⁶⁸ Como se percebeu, à chegada da TV na Bahia acontece associada a religião hegemônica, que desde a transmissão experimental tem espaço privilegiado.

Não foram encontradas referências ao aparelho nas atas da Convenção, na década de 1960. Afinal ainda nesta primeira década o mercado era incipiente e o alto custo do aparelho dificultou a popularização da TV. O livro de Atas referente à década de 1970 está desaparecido, segundo informações do funcionário responsável na sede da CEADÉB, desde a década de 1990. Infelicidade, já que compreende o período da Convenção Nacional de Santo André onde houve a aprovação da resolução que normatizou os usos e costumes dos assembleianos do país.

Deve-se entender que desde antes da década de 1960 já haviam políticas que determinavam função estratégica aos meios de comunicação como divulgador do Estado e como modernizador da sociedade, no contexto do nacionalismo desenvolvimentista durante desde o governo de Juscelino Kubitschek, no entanto falamos de popularização somente com

¹⁶⁷ SPANNENBERG, Ana Cristina; ARAGÃO, Joana; MENEZES, Juliana; SANTOS, Lourivânia. Do ceticismo à consolidação: a TV na Bahia. Notas sobre a primeira década da televisão em Salvador. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.1, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 2012. p. 33.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 35.

o governo militar e a instituição do crédito ao consumidor que favoreceu a aquisição de aparelhos, no final da década.¹⁶⁹

Mesmo diante da crescente importância que a televisão assumiu no cenário nacional o tema só apareceria em atas da Convenção Estadual em 1986,

o Pastor Davi Brito perguntou qual a disciplina que a CEADÉB aplicará no Ministro que venha possuir aparelho de Televisão. O Pastor Aloisio Cristovam propôs que seja retirado de pauta por está no Temário da CGADB. Todos concordaram. O Pastor Dermeval Cerqueira pediu a palavra para dizer que de fato não devemos possuir Televisão, este foi sempre o nosso pensamento, finalizando. E prosseguindo os assuntos, o Pastor José Gomes fez uso da palavra para dizer que o assunto já havia saído de pauta, e voltaram a falar dando impressão que estáhavendo proteção da parte da mesa, o Pastor E. Vitório Bastos pediu para que o Pastor José Gomes retirar as palavras proteção pois fere a mesa diretora, que o Pastor concordou, retirando.¹⁷⁰

Aparentemente, o assunto causou certo constrangimento, que apesar da sua retirada da pauta, a plenária parece ter continuado com a questão, sendo necessária uma questão de ordem do Pr. José Gomes sobre a extinção do tema. Ainda assim a mesa foi acusada de proteger algum pastor que teria o aparelho. E mesmo encerrada a reunião parece que o tema ecoou e à tarde após o recesso o Pr. José Teles se retratou da acusação: “o Pastor José Teles fez um esclarecimento ao Plenário e mui especialmente a mesa, que quando se referiu a mesa não fez por mal, justificou-se, sendo perdoado pela a mesa.”¹⁷¹. No dia seguinte a o foco da proibição foi mudado.

emenda, onde se lê, o Pastor Davi Brito perguntou qual a disciplina que a CEADÉB aplicará no ministro que venha possuir aparelho de Televisão, acrescente-se qual a disciplina que a CEADÉB autorizará aos seus ministros aplicarem nos membros da Igreja que possuam ou venha a possuir a Televisão.¹⁷²

Teria ocorrido um equívoco? O Pr. Davi não soube formular sua pergunta? Ou foi pressionado sob constrangimento, modificou sua pergunta, que perde o sentido de denuncia,

¹⁶⁹ SOUZA, Renata de Paula T. Rocha de. **TVE: Matizes para uma nova cultura, políticas culturais e televisão pública**. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. p. 40.

¹⁷⁰ **CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão**. Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1986. Livro III. p. 70.

¹⁷¹ **CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA**. loc. cit.

¹⁷² *Ibid.*, p. 71v.

que tinha na primeira reunião? É certo que a questão foi polêmica entre os convencionais assembleianos baianos.

Na Convenção de 1987, novamente o tema seria evocado e desta vez em questão a liberação do uso do aparelho parece ser considerada.

o Pastor Elenildo Amaral Soares pediu a palavra dizendo que queria saber se proibia ou abria mão? O Sr. Presidente disse que a proibição foi dos Antigos e sóeles podiam tirar e aconselhou a todos continuar a pregar contra pois ele também prega que é errado um crente ter televisor.¹⁷³

É possível que a pergunta tenha sido suscitada a partir da visita, ocorrida três dias antes, do Pastor Átila¹⁷⁴, na qualidade de presidente da Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil (OMEBA) seção Bahia, ofereceu o acesso à produção em rádio e televisão ao Pastor-presidente da ADESAL: “Falou que o Dr. Álvaro Martins estava com duas Rádios e um programa na Televisão a disposição do Pastor Dermeval Cerqueira.”¹⁷⁵ A proibição persistiu mesmo ante o convite à denominação. Álvaro Martins foi um radialista de origem batista que exerceu vereança em Salvador compondo a bancada evangélica por três legislaturas (1989-1992, 1993-1996; 1997-2000).¹⁷⁶

O assunto voltou a plenária no temário da Convenção de 1991, em plena Década da Colheita.

Sr. Presidente colocou em pauta o item de número oito começando a discussão com o Pastor Wolmar Alcântara dos Santos pedindo um plebiscito de sim ou não. O Pastor Eliel aparteou e falou da resolução da Convenção Geral. O Pastor Lourivaldo Barreto aparteou e pediu esclarecimento do que é bom e o que é ruim na televisão. O segundo orador o Evangelista Francisco Pereira falou que não podemos ser hipócritas não tendo em casa mas assiste fora, o terceiro orador, Pastor Ari Monteiro Trindade apoiou a proposta do Pastor Wolmar, foi aparteado pelo Pastor Wolmar o qual lembrou que a Convenção Geral aconselhou a não usar a televisão, encerrando o horário regimental foi encerrada a reunião às doze horas.¹⁷⁷

¹⁷³ **CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão.** Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1987. Livro III, p. 85v.

¹⁷⁴ Tudo indica se tratar do Bispo Átila Brandão, líder da Igreja Batista Caminho das Árvores e presidente da OMEB – Ordem dos ministros evangélicos do Brasil seção Bahia e apresentador do programa “Portal da Esperança” exibido aos sábados pela Tv Aratu.

¹⁷⁵ **CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão.** Ata de reunião realizada no dia 26 de Novembro de 1987. Livro III, p. 75v-76.

¹⁷⁶ SANTOS, Adriana Martins dos. **A Construção do Reino:** a Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas (1980-2002). 195 f. 2009. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. p. 89.

¹⁷⁷ **CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão.** Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1991. Livro III, p. 155-v.

Apesar do questionamento lançado na convenção de 1987, por ocasião da oferta do Pr. Átila, pode-se afirmar que nesta Convenção surgiu a primeira proposta com possibilidade real de extinguir a proibição, a que temos notícias. O plebiscito não é associado às estratégias de evangelismo da Década da Colheita, no entanto, não se deve menosprezar a influência do projeto sobre questões que poderiam dificultar a conquista de fiéis. Há de se inferir que os resultados da experiência neopentecostal com a utilização dos aparelhos midiáticos fosse conhecida pelos convencionais em 1991.

Considerando o número de apartes realizados a disputa pelas falas foi concorrida. E apesar da proposta se tratar de franquiar a decisão à membresia, os discursos foram sobre liberar ou não o uso da televisão. Os favoráveis argumentavam que o papel da denominação deveria ser de conscientizar os fiéis no intuito de fazerem bom uso, Pr. Antônio considerou que “muitos se anteciparam e agora estão com medo de tirar”¹⁷⁸ já o “Evangelista Francisco Pereira falou que não podemos ser hipócritas não tendo em casa mas assiste fora”¹⁷⁹ em tom de denúncia.

Os contrários à liberação do uso da TV apelaram a obediência a decisão da CGADB, o “Evangelista Flávio Fernandes da Silva falou que se tirar a televisão vamos ganhar mais almas”¹⁸⁰ o que permite inferir que houve preocupação com os efeitos da decisão sobre o crescimento do grupo. Esta preocupação é perceptível em outras falas, a exemplo quando o “Sr. Presidente falou que os Pastores devem ter muito cuidado ao chegar no campo devem conscientizar os irmãos e não chegar excluindo”¹⁸¹

O Pastor Israel [concluiu] dizendo que devemos continuar com a resolução da Convenção Geral. O quarto orador [...] de Almeida Barreto falou que o aparelho é maldito e tem corrompido a humanidade. O Pastor Manoel Monteiro Trindade pediu aparte e falou que a televisão dentro de casa é um bezerro de [satã].

Diante de tamanha oposição a proposta do Pr. Wolmar foi recusada por cento e quarenta votos contra trinta e dois favoráveis, sendo que a mesma sequer foi debatida em sua essência, que seria a democratização, ou não, da decisão aos fiéis. A recusa se deve a da própria televisão, e também, ao modelo administrativo que propunha. É possível que os convencionais contrários à TV esperassem que em caso de haver o plebiscito seu uso seria

¹⁷⁸ **CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão.** Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1991. Livro III, p. 156v.

¹⁷⁹ Ibid., p. 155v.

¹⁸⁰ Ibid., p.156v.

¹⁸¹ Ibid., p. 157v.

liberado. A continuidade da proibição, neste contexto, parece ser entendida como letra morta, o missionário finlandês Lars-Eric OleBergstén, importante autor assembleiano conhecido por Eurico Bergstén, afirmou “que em São Paulo o uso é [comum] mas ele mesmo é contra e só um grande avivamento pode tirar este grande mal”¹⁸²

A tônica dos discursos converge com os da CGADB, e os favoráveis a liberação parecem ser tímidos e poucos ante aos exaltados opositores. Diferente do MP as atas da CEADEB pouco discutem sobre o conteúdo da programação. Mesmo na década de 1990, quando a abertura parece despontar, o aparelho de TV ainda era visto como detentor de poderes satânicos, ou como instrumento do próprio.

Práticas e apropriações.

Em fins da década de 1990, circulou entre os assembleianos da ADESAL o livreto de caráter instrutivo, “Televisão: é benção ou maldição?”. Uma obra independente, composta de cinco capítulos distribuídos entre suas noventa páginas, era ofertada ao final das reuniões nos templos da Assembléia de Deus onde o autor, Ubiratan Oliveira da Silva, palestrava sobre o tema. Segundo o próprio autor, a ideia de produzir a obra veio por inspiração divina, quando pregava em um templo sobre a televisão, ocorreu de uma fiel obter uma visão em que Deus estava alegre com a forma como ele abordava o assunto. Na capa, a representação de um palco de teatro, com as cortinas abertas e ao centro um televisor, posicionado logo abaixo do título: “TELEVISÃO” e com as seguintes questões em sua tela: “Meio de comunicação? Veículo de manipulação dos povos? Prestadora de serviços? Ídolo? Escola?” Sendo que a palavra ídolo apresenta-se em tamanho maior que as outras.¹⁸³

A obra tem por objetivo declarado auxiliar, uma vez que, “unido os aspectos negativos e positivos da televisão dará condição ao caro leitor tirar suas próprias conclusões se é pecado ou não, assistir uma televisão no seu lar.”¹⁸⁴ Mas, apesar de prometer imparcialidade sobre o tema, logo nas primeiras laudas afirma que a TV,

“ESTAR PRESTANDO ENORME SERVIÇO AO REINO DAS TREVAS
NA ESCRAVIZAÇÃO ESPIRITUAL DA HUMANIDADE [...] ELA TEM
SIDO UM VEÍCULO DE APELO DIVULGAÇÃO E INCENTIVO A

¹⁸² CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão. Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1991. Livro III, p. 156v.

¹⁸³ SILVA, Ubiratan Oliveira da. **Televisão: é benção ou maldição**. Salvador: Gráfica Lucas.

¹⁸⁴ Ibid., p.9.

IMORALIDADE, AO VÍCIO, AO CRIME, À IDOLATRIA, AO ATEÍSMO E A TODA SORTE DE PECADO¹⁸⁵

Argumenta sobre o roubo do tempo de Deus, e da má qualidade da programação, o que feria os princípios da moral assembleiana. Utiliza-se de textos bíblicos e da centralidade da Bíblia entre os protestantes, fazendo analogias estranhas. Compara a mudança do regime político em Israel de teocracia para monarquia, com a aceitação dos aparelhos por algumas comunidades pentecostais. Ou seja, a aceitar o uso da TV significou, para o autor, dispensar a liderança de Deus em detrimento da liderança de homens.

Argumenta com uma matéria de jornal para alertar dos perigos da TV, e aparentemente inspirar um caráter técnico aos seus escritos. Divulga na íntegro artigo do periódico “A Tarde” de dezembro de 1997, com o título: “Desenho de TV causa convulsões no Japão”, e afirma em letras garrafais que “certos programas transmitidos na televisão (bem como certos jogos de vídeo games), além de provocarem problemas morais e espirituais, também pode provocar doenças físicas e mentais”.¹⁸⁶

Muitos cânticos presente na liturgia da denominação pentecostal reproduziam as críticas ao uso da televisão e contribuíram com a tarefa de inculcar um *habitus* na membresia. Em “Só entra lavado”, música que dá título ao álbum de 1975, a cantora Cecília de Souza alerta:

Vamos para o céu. Vamos ver Jesus. / Só vai para o céu quem andar na luz
A luz e a verdade não é fantasia. / É o poder de Deus com a sabedoria.

Só entra lavado no sangue de Jesus!
Não entra pecado, não entra pecado.
Só entra lavado no sangue de Jesus!

Não entra mentira, não entra ladrão. / Não entra quem fuma e nem beberrão.
Não entra engano, nem murmuração. Não entra o crente com a televisão.

Não entra ninguém que vai ao cinema. Só entra o crente que o mundo condena.
Não entra idólatras e nem feiticeiros. / Só entra os lavados no sangue do cordeiro.

Não entra irmãos que tiram sobrelha. Nem irmãos que falam da vida alheia.
Desobedientes lá não tem lugar. Somente os santos hão de lá entrar.

A vida do crente está no coração bem santificado com a oração.
Deixando o mundo [...]

¹⁸⁵ Ibid., p.12.

¹⁸⁶ SILVA, Ubiritan Oliveira da. **Televisão: é benção ou maldição**. Salvador: Gráfica Lucas. p. 30.

Abraçando a cristo a nossa salvação.¹⁸⁷

A música retrata os fatores que no entendimento da compositora interferem na promessa de vida eterna de gozo no celeste povir. Estes fatores que devem ser negados, pois pertencem ao mundo e, portanto malignos e opositores à saúde espiritual foram exaustivamente repetidos na melodia da música, o que supostamente facilitou a assimilação da mensagem pelos ouvintes.

A composição de Adilson Gigante, de 1982,

Há uma doença terrível assolando a humanidade.
É pior do que o câncer esta tal enfermidade.
Pouco a pouco ela vai penetrando na visão.
Logo está tomando conta da alma e do coração.

Cuidado minha irmã. Cuidado meu irmão.
Não deixe esta moléstia atingir teu coração.
Cuidado minha irmã. Cuidado meu irmão.
Não troque Jesus Cristo por uma televisão.

Muitos crentes já possuem este maldito aparelho.
Estão sempre a contemplar o diabo no espelho.
Pouco a pouco o crente vai perdendo a unção.
Logo está fracassado sem a paz no coração.

Cristo breve voltará para buscar a sua Igreja.
E levarmos para a Glória é o que Ele mais deseja.
Só não levará o crente que tiver a enfermidade.
Pois no céu não entra nada que contamine a cidade.¹⁸⁸

Representações tão fortes que inferiam não somente sobre a saúde espiritual, como física e mental produziram variados efeitos entre a membesia. Também é possível considerar que diferentes níveis de instrução produziriam diferentes níveis de aceitação.

João, codinome do entrevistado, que durante mais de 40 anos frequentou a ADESAL onde foi presbítero, nos dá o seguinte relato em relação a sua funcionária do lar.

[...] uma menina que ajudava minha esposa [...] achava o maior escândalo eu como membro da Assembléia de Deus e já liderando a juventude da Assembléia de Deus, participando da liderança, e ter televisão em casa. E ela limpava os móveis, limpava tudo, mas ela não limpava a televisão. E quando a televisão estava ligada ela passava de costas, [rindo] passava de costas pra

¹⁸⁷ SOUZA, Cecília de. **Só entra lavado**. Disponível em: http://www.4shared.com/mp3/GrE-Uyn9/CECILIA_DE_SOUZA_-_SO_ENTRA_LA.htm. Acesso em: 16 ago. 2013

¹⁸⁸ GIGANTE, Adilson, **Cuidado com a televisão**. Disponível em: <http://plasmusic.com/detail/1/aEk1ZHVEUG0/paulo-roberto-canta-adilson-g.html> Acesso em: 16 ago 2013

televisão dizia que pra não ser contaminada pelo aparelho, o instrumento do diabo [risos].¹⁸⁹

Discordar da proibição não significou necessariamente em uma prática subversiva. “Muitos jovens já naquela época já não se enquadravam a essa situação se desviavam, saíam do sistema. Outros permaneciam obedientes, lutando e frequentando os cultos.”¹⁹⁰ A desobediência é um pecado muito apregoado e com várias referências bíblicas. O medo da rebeldia deve ter influenciado a muitos não transgredirem ainda que discordassem de certasproibições, não só à televisão. É o que confirma o relato de Maria, pseudônimo utilizado para identificá-la. Senhora casada, atualmente com 50 anos de idade, oriunda de família assembleiana, batizada na AD em 1978, foi dirigente de círculo de oração na ADESAL.

eu amava tá na casa do Senhor independente de eu achar, como eu nunca gostei de ser rebelde, eu obedecia todas aquelas diretrizes por obediência pra estar longe de rebeldia. Mesmo sabendo que algumas coisas não tinham nada haver com minha vida espiritual, mas eu obedecia em relação a usar uma calça, usar uma pintura, um brinco. Eu procurava obedecer por obediência ao meu líder e não a palavra.¹⁹¹

Houve quem contestasse esta representação e o monopólio dos bens de salvação. De posse de um discurso profético tencionaram uma mudança.

Nunca disciplinei por uso da televisão. Ao contrário, eu buscava sempre incentivar para que as pessoas buscassem conhecimento e explorassem os meios de comunicação da melhor forma possível, buscando aproveitar o que de melhor eles pudessem trazer para o crescimento intelectual, crescimento cultural.¹⁹²

Com intuito de inculcar um *habitus* na membresia, os líderes assembleianos fizeram uso da hegemonia do campo e produção de bens simbólicos, com a instauração de medidas punitivas exemplares.

¹⁸⁹ **João:** depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (21 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

¹⁹⁰ **João:** Entrevista [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (21 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

¹⁹¹ **Maria:** Entrevista [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (22 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

¹⁹² **João:** Entrevista [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (21 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

Geralmente era um convencimento através, como eu já falei, da política de restrição, buscando atemorizar, era o temor. De que era um aparelho usado pelo diabo para disseminar o que não presta, através das suas programações, principalmente as novelas, os filmes. E eles buscavam versículos, textos bíblicos, os quais eles interpretavam para atender as ideias, geralmente forçando textos. Então... eles tinham um padrão de santidade completamente deturpado, fora da palavra. Achavam que santidade era uma questão estereotipada e não algo que parte do íntimo, ou que parte do interno. Então o que é que eles faziam, doutrinavam na base do temor, atemorizando com o inferno, com castigo, com a falta de prosperidade, com a falta de bênção. Aqueles crentes que possuíssem televisão em casa o Espírito Santo não poderia agir na vida dele, estariam fora da comunhão com Deus. Então muitos para ter a sua vida de santificação, sua vida espiritual - vamos dizer assim - edificada, proveitosa buscava obedecer estas restrições.¹⁹³

Os membros e fiéis flagrados descumprindo as proibições eram submetidos à sanções. A Senhora que foi líder de Círculo de Oração na ADESAL contou como o membro que fosse descoberto ou confessasse ter propriedade ou assistido ao aparelho sofria “Disciplina! Cortado do rol de membros. E quando se era cortado do rol de membros não podia ir aos cultos de oração. Só aos cultos públicos”¹⁹⁴. A disciplina pode ser desde um pedido público de perdão – precedido da confissão perante a comunidade ou exclusiva ao pastor – até o perdão público e afastamento da “comunhão”, ou seja, de certas atividades do grupo, principalmente a Santa Ceia.

Esta “política de restrição” a qual se referiu João é vista por Alencar como aspectos da “cultura da negação” característicos do que chamou de “protestantismo tupiniquim”.

Tornamos-nos conhecidos pelo que somos proibidos. Sabemos, por nossa tradição, o que não podemos fazer, do que não podemos participar, o que não podemos comer, beber etc. – mesmo que, às vezes, não saibamos exatamente o porquê. [...] [...] todo o *ethos protestante* foi construído em termos de negação da sexualidade, da atuação política, da participação artística, do incentivo ao lazer, da vida na sociedade brasileira. Como diz Fernandes, o protestante tem preconceito de ser social; ser social é ser ‘mundano’. O chavão repetido é: ‘Não somos deste mundo’.¹⁹⁵

A experiência da conversão era comprovada com a aversão ao mundanismo, “as coisas do mundo”. Exerciam um discurso e uma postura de alienação as questões da sociedade, nos campos da política, da cultura e dos esportes. No entanto, com o crescimento e a condição de

¹⁹³ **João:** depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (21 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

¹⁹⁴ **Maria:** depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (22 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

¹⁹⁵ ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim:** hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 70-1.

estabilidade alcançada pelas denominações protestantes mais antigas no campo religioso nacional, como parece ser o caso da AD, este afastamento das coisas do mundo parece gradualmente reduzir-se.

Os primeiros protestantes a se instalar, sistematicamente, no Brasil, no século XIX, tinham uma postura de afastamento da sociedade, como se fossem *'indivíduos-fora-do-Mundo'*, utilizando para se opor à força hegemônica católica, o que Bourdieu chama de estratégias de oposição profética e de subversão simbólica. Décadas mais tarde, ao se inserir no campo religioso brasileiro, participando de suas questões sociais, não foi possível manter este afastamento, tornando-se *indivíduo-no-mundo*.¹⁹⁶

Na década de 1990 é possível demarcar uma disputa pela mudança nestas representações. Em meio a Década da Colheita, projeto que teve como meta um crescimento exponencial da denominação que contextualizou com uma grande popularização dos televisores – inclusive em cores – e o assombroso crescimento das denominações neopentecostais que se inseriam cada vez mais na mídia televisiva.

veio a observar que pastores usavam televisão no quarto escondido, mas proibiam os crentes usassem. Daí os crentes descobriram isso e foram forçando a barra, colocando televisão dentro de suas casas. Outros iam para casa do vizinho assistir mesmo sabendo que eram passível de receber punições, disciplina. Daí eles não tiveram como abrir mão da televisão, visto que foi descoberto essa questão dessa máscara, os pastores possuíam televisão escondida nos seus aposentos e proibiam os crentes.¹⁹⁷

Ainda que não possuíssem o aparelho se reuniam em frente a casa de vizinhos ou estrategicamente faziam visitas aos proprietários para acompanharem a programação, comportamento que ficou popularmente conhecido como “televizinhos”¹⁹⁸. As acusações de que pastores tinham e/ou assistiam o aparelho foi comum nas atas da CEADEB, tanto quanto no testemunho de fiéis.

¹⁹⁶SILVA, Igor José Trabuco da. “**Meu Reino não é deste mundo**”: a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. p. 120.

¹⁹⁷**João**: depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (21 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

¹⁹⁸ SPANNENBERG, Ana Cristina; ARAGÃO, Joana; MENEZES, Juliana; SANTOS, Lourivânia. Do ceticismo à consolidação: a TV na Bahia Notas sobre a primeira década da televisão em Salvador. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.1, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 2012. p. 36.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura refratária ante a televisão, assim como à outros aspectos da vida social, deve ser entendida enquanto construções sócio históricas e, como tais, inscrita no espaço/tempo. Esta posição aconteceu em um momento em que a denominação disputava espaço no campo religioso brasileiro, em situação contra hegemônica e ainda buscando sua consolidação. Neste sentido valorizou fatores de distinção dos demais grupos, e assumiu, em suas estratégias de oposição simbólica, discursos e práticas radicais com intuito de demarcar uma identidade de santidade, que se caracterizou com alienação das questões sociais.

Um complexo explicativo foi criado para convencer e fortalecer a proibição do uso e propriedade do aparelho de TV. Neste, variados fatores foram utilizados: explicações técnicas e científicas dos males causados pelo aparelho, oposições éticas, morais e ideológicas à programação e seus efeitos, até explicações místicas. Estas representações obtinham forte apelo com a valoração satanização/sacralização, o que no geral, faz parte do discurso e das estratégias da religião, com intuito de legitimar o arbítrio.

De tantos fatores que explicariam a aversão assembleiana ao uso e aquisição da televisão, talvez nenhum fosse suficiente para tal. Afinal, a oposição cartesiana do assembleiano Reino de Deus x Reino do mundo, assim como a emergência atribuída às respostas místicas, oferece aos seus pares, uma lógica que fora destes é perversa a razão. Praticamente impossível de ser compreendida fora do grupo.

Desta forma, a Assembléia de Deus, em seu papel de religioso, agiu enquanto legitimadora de arbítrios, com a formulação de representações que visam um habitus, ou seja, inculcar na membresia uma conduta postural quase que inconsciente. Pautados no padrão de moralidade que sua vivência religiosa estabelece, e que destoa com os padrões encontrados na programação da TV aberta brasileira, estabeleceu a construção de signos que visam fortalecer suas identidades e a hegemonia dos bens de salvação. Estes padrões de costumes e comportamento vão se perpetuando à medida que o discurso profético, carismático, atingiu parcela significativa do grupo e se arraigou a sua identidade.

Contudo, a consolidação do grupo no cenário religioso nacional exigiu participação cada vez mais ativa na sociedade. E passaram a justificar esta maior participação no “mundo” devido a sua elevada posição moral e ética, o “sal da terra”, que deveria purificar todas as instâncias sociais. Nesse ínterim, a televisão se populariza, passando a principal veículo de comunicação (o que antes cabia ao rádio), e surgem novos personagens no campo religioso que vão aproveitar bem a difusão da TV para alcançarem rápido crescimento, os grupos

Neopentecostais. O que causou maior acirramento nas disputas por fiéis, inclusive por parte da AD, com a campanha de evangelismo “Década da Colheita” e suas metas ousadas de ampliação do número de fiéis.

À esta nova dinâmica no campo religioso nacional se somaram: a chegada de gerações de assembleianos já nascidos na era das tecnologias da informação; a ascensão social e cultural que acontecia entre seus líderes e membros; a presença cada vez mais comum do aparelho entre os líderes e fiéis da AD; e a compra da emissora “Rede Boas Novas” pela Assembléia de Deus do Amazonas, na década de 1990. Estes fatores fortaleceu a posição e ampliou os que eram contrários a proibição, que já se pronunciavam desde a década de 1960 e pressionou as lentas mudanças nestas representações que não podendo mais se sustentar se reeditam e se atualizam sem, contudo, renegar seu mítico passado de certezas e verdades sobre o uso da televisão.

FONTES

Fontes impressas

“Boletins de assistência de televisão” IBGE In: **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol.14, n.2, Nov., 2008, Encarte Tendências. p. 515-45.

ARAUJO, Isael. **100 acontecimentos que marcaram a História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

_____. **100 mulheres que fizeram a História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

_____. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

Até Quando Ficarás Deitado? **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 04, fev. 1960. Paz. p. 1-2.

BARRETO, Josué F. O que Deus está exigindo de sua Igreja. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 10, mai. 1969. p. 4.

BÍBLIA, Livro de Marcos. **Bíblia Sagrada**: edição corrigida e revisada. Trad. de: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1999.

CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

Convenção Geral em São Paulo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 22, p. 4, nov. 1937. p. 4.

DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

Entrevista com o Pastor Agenor Alves de Oliveira. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 22, nov. 1968. p. 3.

Entrevistando o Pastor Marcelino da Silva. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 01, jan. 1969. p. 2.

FARIAS, J. P. de. Aproveita o Teu Tempo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 14, jul. 1960. p. 3.

FERREIRA, Israel A. **Revista ADESAL: 1930 – 2010, 80 anos de vitórias**. Salvador: 2010.

FILHO, J. A. de Souza. Campanha Nacional de Boas Novas. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 18, set. 1968. p. 3.

Mensageiro da Paz. ano 39, nº15, 15/08/1969.

DAVANZO, Américo. Sinais dos Tempos. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 09, jul. 1961. p. 6.

Não haja silêncio em vós. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 08, jun. 1969. p. 3.

NASCIMENTO, Odilon Duarte. Devemos cumprir a sã doutrina. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 15, mai. 1969. p. 5.

Notas importantes à imprensa. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 08, abr. 1974. p. 4.

OPNIÃO PÚBLICA, Campinas, vol.14, n.2, Nov., 2008, Encarte Tendências. p. 515-45.

SILVA JR., Horácio da Silva. O Pecado de Sodoma. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 18, set. 1968. p. 4.

SILVA, Edson Mateus. Televisão versus embaraço. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 05, p. 5, mar. 1969. p. 5.

SILVA, José Caetano. Quais seriam os “ais” de Jesus nos nossos dias. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 18, set. 1968. p. 2-4.

SILVA, Ubiratan Oliveira da. **Televisão: é benção ou maldição**. Salvador: Gráfica Lucas.

Sobre Televisão. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 01, jan. 1975. p. 11.

Tempo do Homem e Tempo de Deus. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 21, nov. 1960. p. 1.

TRIGUEIRO, João. Considerações oportunas IV. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 16, ago. 1969. p. 2.

TRIGUEIRO, João. O cristianismo de Cristo. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 12, jun. 1968. p. 2.

XIX Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, n. 01, jan. 1969. p. 8.

Fontes manuscritas

CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão. Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1986. Livro III.

CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão. Ata de reunião realizada no dia 26 de Novembro de 1987. Livro III.

CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão. Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1987. Livro III.

CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NA BAHIA. Igreja do Boqueirão. Ata de reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1991. Livro III.

Fontes orais

João: depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (21 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

Maria: Entrevista [mar. 2013]. Entrevistador: SANTANA, L. G. Salvador: BA, 2013. Mp3 (22 min), 128 Kbps. Entrevista concedida ao projeto.

Fontes audiovisuais

Entrevista gravada no CD “Memória das Assembléias de Deus: entrevista com missionário Daniel Berg”, em 1958

GIGANTE, Adilson, **Cuidado com a televisão**. Disponível em:

<http://plasamusic.com/detail/1/aEk1ZHVEUG0/paulo-roberto-canta-adilson-g.html> Acesso em: 16 ago 2013

Google Street View. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/preview#!q=Ladeira+do+Boqueir%C3%A3o%2C+Salvador+-+BA&data=!1m8!1m3!1d3!2d-38.50494!3d-12.966631!2m2!1f246.72!2f108.55!4f75!2m4!1e1!2m2!1sx9ytfSWKz-JEr4k3eCgG8Q!2e0!4m1!1m10!2i9!4m8!1m3!1d3255!2d-38.5037818!3d-12.9643787!3m2!1i1366!2i643!4f13.1&fid=5>. Acesso em: 22 jul de 2013.

SOUZA, Cecília de. **Só entra lavado**. Disponível em: http://www.4shared.com/mp3/GrE-Uyn9/CECILIA_DE_SOUZA_-_SO_ENTRA_LA.htm. Acesso em: 16 ago. 2013

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. **Protestantismo Tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALMEIDA, Luciane Silva de. **“O Comunismo é o ópio do povo”**: representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e o governo militar na Bahia (1963 – 1975). 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

ANTÔNIO FILHO, Fadel D. Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides de Cunha. IN: GODOY, PRT., org. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006.

BELLOTTI, Karina K. A participação dos evangélicos na mídia. In: ____; SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V.; SILVA, Elizete da. (orgs.) **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011.

BICALHO, M.F.B. A França Antártica, o curso, a conquista e a “peçonha luterana”. **História**, v.27, n.1, p. 29-50, 2008.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

CAMPOS, J. da Silva. **Ligeiras notas sobre a vida íntima, costumes e religião dos africanos na Bahia**. Anais do Arquivo do Estado da Bahia, v. 29, 1946.

CAMPOS JR, L.de C. **Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira:** a Igreja do Avivamento Bíblico. São Paulo: Annablume, 2009.

CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115. set/nov 2005.

_____. **Evangélicos e Mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos.** **REVER, Revista de Estudos da Religião**, set./2008, p. 1-26.

CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. In: **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**. nov. 2005, v. 17, n.2.

CHARTIER, R. **À Beira da Falésia:** a História entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil. 1990.

COELHO, E. Para a crítica de certa razão histórica: sobre o método e os historiadores. **História & Luta de Classes**, n. 9, p. 7-16, 2010.

CORTEN , A. **Os pobres e o espírito santo:** o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: ed. Vozes, 1996.

DIAS, Caroline Luz e Silva. **Os neopentecostais em Feira de Santana:** Da visão celular no modelo dos 12 ao mover celular do fruto fiel. 190 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual de Feira de Santana. 2009.
do Campo, 2006.

ENGELS, F. A Guerra dos Camponeses. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre a Religião.** Lisboa: Ed. 70, 1976. p. 116-7.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. org. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, 1994, p. 67-99.

_____. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Campinas, 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas. 1993.

GANDON, T.R.d'A. Etnotexto e identidade cultural na construção da memória. In: **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 14, n. 23, jan./jun., 2005. p. 227-233.

GUARESCHI, P. A. Mídia e Democracia: o quarto versus o quinto poder. In: **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, jul.-dez, 2007, v.1, n.1, p. 6-25.

HOUTAR, F. As funções de integração e protesto da religião nos modos de produção pré-capitalistas. In: _____. **Religião e modos de produção pré-capitalistas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. [4]p.;

LÉONARD, É. G. **O iluminismo num protestantismo de constituição recente**. São Bernardo do Campo: IMES (UMESP), 1988.

_____. **O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

LOWY, Michael. Marx e Engels como sociólogos da religião. In: **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Lua Nova, 1998, n.43, p.157-170;

LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

MATTOS, S. A. S. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PERRONE-MOISES, Beatriz; SZTUTMAN, Renato. Notícias de uma certa confederação Tamoio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, Oct. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132010000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132010000200007>.

READ, William R. **Fermento religioso nas massas do Brasil**. Eerdmans Publishing Co. 1967.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacaueira da Bahia: uma abordagem fenomenológica**. 2006. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2006.

ROLIM, F. C. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Adriana Martins dos. **A Construção do Reino: a Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas (1980-2002)**. 195 f. 2009. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Geografia religiosa afro-baiana no século XIX. In: **Revista VeraCidade**. Salvador, out. 2009. Disponível em: <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/>>. Acesso em: 31 mai. 2013.

SIEPIERSKI, P.D. **A emergência da pluralidade religiosa**. Disponível em: <<http://www.bmgil.tripod.com/spd26.html>>. Acesso em: 01 de jun. 2012.

SILVA, Candido da Costa e. **Os segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia**. Salvador, Ba: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, EDUFBA, 2000.

SILVA, Elizete da. Anglicanismo no Brasil: a igreja dos ingleses. In: _____; SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V.; SILVA, Elizete da. (orgs.) **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011.

_____. **Cidadãos de outra pátria:** anglicanos e batistas na Bahia. 1998. 405 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. Configurações históricas do campo religioso. In: DIAS, André Luís Mattedi (Organizador). **História, cultura e poder.** Feira de Santana, Ba: UEFS, 2010.

_____. Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX. **Sitientibus.** Feira de Santana, n. 21, p. 51-67, jul/dez. 1999.

_____. Engels e a abordagem científica da religião. In: MOURA, M. C. B.; FERREIRA, M. & MORENO, R. (orgs). **Friederich Engels e a ciência contemporânea.** Salvador: Edufba, 2007.

_____. Os Batistas no Brasil. In: ____; SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V.; SILVA, Elizete da. (orgs.) **“Fiel é a Palavra”:** leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011. p. 283-332.

SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu Reino não é deste mundo”:** a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Renata de Paula T. Rocha de. **TVE:** Matizes para uma nova cultura, políticas culturais e televisão pública. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Sueli Ribeiro M. **Em diálogo com Deus:** a construção de “self” entre as mulheres pentecostais. 2007. 278 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SPANNENBERG, Ana Cristina; ARAGÃO, Joana; MENEZES, Juliana; SANTOS, Lourivânia. Do ceticismo à consolidação: a TV na Bahia Notas sobre a primeira década da televisão em Salvador. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.1, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 2012.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os Batistas na Bahia: 1882 – 1925, um estudo de História Social**. 1975. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

TOCANTINS, L. **Amazônia: natureza, homens e tempo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

VIRAÇÃO, F.J.S. Os enviados de Calvino: um projeto colonial francês e protestante para o Brasil. **Mneme**: revista de humanidade, v. 9, n. 24, set/out, 2008. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais. Acesso em: 01 junho 2012.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

YNGER, J. Milton. **Religion, Société, Personne**. Paris: Edition Universitaires, 1964.